Por meio de seletos episódios de sua vida, em ordem cronológica, o autor conduz este conteúdo comparando a vida a um funil, o qual inicia sua luz com amplo diâmetro, onde é possível acomodar uma lista enorme de sonhos, e finalizando essa luz, que é o final da vida, com diâmetro bem reduzido. É uma autobiografia que busca despertar o leitor, de forma analógica, no sentido de ter sabedoria para fazer uma análise da sua própria vida e perceber quão seletivos devemos ser para desenvolver com êxito a difícil arte de viver.

FUNIL

QUAL A HORA CERTA DE MUDAR?

JUSMAR LUSTOZA

Funil: Qual a hora certa de mudar?
Jusmar Lustoza
Copyright © 2022

Todos os direitos reservados

Revisão Textual
Adelir Cataneo P. do Nascimento

Preparação de Texto
Jusmar Lustoza

Editor
José Carlos S. Junior

Projeto gráfico e Diagramação
Erick Rocha

Ilustrações e Capa
Marcelo Azevedo

1ª Edição: Março de 2022

A reprodução de qualquer parte desta obra é ilegal e configura uma apropriação indevida dos direitos intelectuais e patrimoniais do autor. A editora não é responsável pelo conteúdo deste livro. O autor conhece os fatos narrados, pelos quais é responsável, assim como se responsabiliza pelos juízos emitidos.

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP-Brasil)

L972 Lustoza, Jusmar
Funil: Qual a hora certa de mudar? / Jusmar Lustoza. – Cacoal: Priint Impressões Gráficas, 2022.

ISBN: 978-85-5963-107-4

1.Literatura Brasileira. 2. Autoconhecimento. I. Título
CDD: B869

Impresso no Brasil por:

priint
impressõesinteligentes

Cacoal - Rondônia - Brasil
Telefone: (69) 9 9608-1234 (WhatsApp)
priintcacoal@gmail.com • @priinteditora
www.fb.com/PriintEditora • www.priint.com.br

Agradecimento

Dedico este livro à minha esposa, Silvana Cortez Mostasso Lustoza, que protagonizou ao meu lado grande parte da minha história; às minhas filhas, Naiara Cortez Lustoza Sabóia e Isadora Cortez Lustoza; joias raras que sempre foram a válvula propulsora para que eu enfrentasse cada desafio; aos meus genros, Ed Wilson Sabóia e Gabriel Matos Rodrigues, filhos que a vida me deu; ao meu neto, Leonardo Lustoza Matos, presente de Deus que muito me inspira nos meus projetos de vida; e à saudosa D. Margarida Moreira dos Santos, que mais que funcionária do lar, era como se fosse da família; conviveu conosco por mais de dezoito anos acompanhando a educação das minhas filhas, sempre pronta para nos estender a mão quando precisávamos, sem mesmo pedir. Saudade. Preciosa e abençoada família, o meu muito obrigado!!

Agradecimento especial aos meus pais, Maria e Luiz Carlos Vieira Lustoza; que já não estão mais entre nós; pela minha vida, pelo apoio e amor incondicional, pela minha formação. Da mesma forma agradeço ao meu sogro, Fernando Cortez Mostasso, e à minha sogra, Aparecida Romagnolo Mostasso, que me adotaram como filho, sempre presentes e nos apoiando nos mais diversos momentos que passamos juntos, bons ou ruins.

Agradecimento geral a toda minha família, desde irmãos, cunhados (as), sobrinhos (as) e agregados (as); todos tiveram e têm participação de grande relevância na construção da história da minha vida. Eterna gratidão.

A lapidação do conteúdo deste projeto conta com profissionais que tenho conhecimento de longa data. Mais que profissionais, são meus amigos. Muito obrigado à professora Maria Lindomar dos Santos pelas importantes orientações quanto ao protocolo a ser seguido na publicação de um livro, e à professora Adelir Cataneo P. do Nascimento pelo seu posicionamento ético em relação à revisão ortográfica respeitando a minha identidade na forma de escrever à frente dos veículos de comunicação que estou inserido há tantos anos. Gratidão também ao talentoso arquiteto e professor universitário Marcelo Azevedo por abrilhantar esta obra com primorosas ilustrações, incluindo o layout de capa. Concluindo, segue o meu agradecimento ao proprietário da Gráfica e Editora Priint, José Carlos de Souza Junior, que conduziu com toda maestria a consolidação desse material, da edição à impressão.

Sumário

O funil da vida 7

Um pé em Minas, o outro no Paraná 11

Gratidão aos antepassados 19

A vida a partir dos anos 60 25

A magia dos anos 70 31

Deixando o ninho 39

Pormenores da década de 80 45

Anos 90 – início da revolução 53

Vivenciando o 11 de setembro 61

A caminho de Cacoal 69

De dentista a jornalista 75

Século XXI – a ascensão na Comunicação 87

Alzheimer – lidando com o preconceito 95

Rumo a Portugal – reconhecimento internacional 103

O reencontro – 40 anos depois 109

Afunilando... 115

O funil da vida

Quando se trata de sonhos, a vida se transforma em um funil. No início, quando começamos a nos perceber nesse cenário, ainda crianças, percebendo o que a vida pode nos oferecer, passamos a montar na mente uma lista enorme deles. A intenção é ganhar o mundo. Essa lista quase nem cabe na boca do cone, apesar do amplo diâmetro, mas sempre buscamos uma forma de acomodá-la e tudo parece ser possível de se consolidar. Com o tempo, percorrendo a luz desse funil, o diâmetro vai ficando menor, e naturalmente, ou obrigatoriamente, começamos a descartar alguns sonhos, deixando apenas aqueles que a probabilidade de realização é maior. É o amadurecimento!

Não há como não sermos seletivos. O tempo passa muito rápido e a sensação é de ser cada vez mais veloz conforme a idade avança. As circunstâncias nos obrigam a tomar decisões, mesmo que seja um pouco tarde. No entanto, nunca é tarde demais quando há vontade de viver, de vencer. Durante toda a trajetória da vida é assim. Se essa seleção se der com sabedoria, podemos evitar a abdicação de sonhos possíveis e ao mesmo tempo manter aqueles que têm pouca probabilidade de realização, o que pode nos surpreender! Sonhar com a razão é bem melhor do que sonhar com a emoção. Quando escolhemos corretamente, utilizando-nos da razão, as frustrações podem vir, mas estaremos preparados para

contorná-las retirando das experiências ruins algo de bom, condição importantíssima para futuras decisões, e assim falharemos menos.

Já que falamos em razão e emoção, é importante frisar que ambas têm que caminhar juntas. Razão sem emoção é característica de robôs; por mais autonomia que tenham, robôs sempre serão dominados. Emoção sem razão é agir sempre por impulso, é dar asas a decisões impensadas e dificilmente prosperam. Vale lembrar que meu posicionamento não é baseado em pesquisas de profissionais que estudam a mente humana, apesar de ter acompanhado várias teorias e analisado uma a uma com muito respeito. É postura que vem de resultados de experiências que tive na minha vida, o que ela me ensinou e continua ensinando. Como não se trata de uma ciência exata, a análise de comportamento que procurei fazer, de perdas e conquistas, sejam pessoais ou profissionais, é focada simplesmente na conclusão que tirei da vida, do que ela me mostrou e me proporcionou até então.

Até para escrever um livro temos que ser seletivos. Isso quando nos referimos principalmente a uma autobiografia, se é que posso assim denominar esta obra. Cada dia de nossas vidas é assunto para um livro, ou mais! Já pensou se fôssemos detalhar cada minuto? Primeiro que não lembraríamos de todos. Nosso cérebro trabalha incansavelmente processando as informações vividas, mas grande parte delas fica só no subconsciente. Enfim, é possível lançarmos mão de fatos marcantes que contribuíram em grande magnitude na formação da personalidade e do caráter. Este é o meu

objetivo maior nestas longas linhas que me atrevi a escrever. Um "pente fino" de episódios marcantes da minha vida, tristes e engraçados, projetando de alguma forma experiências que foram cautelosamente planejadas de uma forma e consolidadas de outra. Desígnios de Deus que transcendem ações de um perfeccionista que sempre sofreu por acreditar que tudo sairia de forma perfeita na concretização de cada projeto de vida, o que não foi possível. O objetivo maior deste nosso contato é abrir momentos de reflexão. Será que o destino já está escrito ou tudo é fruto de escolhas? Se temos o poder de fazer escolhas, no jogo da vida vêm as consequências! Boas ou ruins. Nosso maior desafio aqui é fazer com que você, leitor, passe a visualizar bem o seu "jogo" da vida, apesar das surpresas, e consiga minimizar as perdas. Sim! Haverá perdas, porém, mais se ganha do que se perde quando há iniciativa.

As perdas fazem parte do jogo, promovem amadurecimento. O importante é apurar a sabedoria aprendendo a olhar a vida por diferentes prismas. É um grande desafio romper barreiras, mas é perfeitamente possível. Apesar das prováveis feridas, aprendemos a conviver com as cicatrizes.

Um pé em Minas, o outro no Paraná

O encontro de uma mineira com um paranaense (quase catarinense, por ser de Palmas, próximo à divisa com Santa Catarina) formou a família da D. Maria da Silva Lustoza e do Sr. Luiz Carlos Vieira Lustoza, meus saudosos pais. Como todo relacionamento, há os ajustes de costumes e de educação, que ora se encaixam e ora se chocam, o que é perfeitamente normal. Afinal, além de virem de famílias diferentes, vieram de regiões diferentes do Brasil; o fiel da balança dos bons costumes se equilibrou com a convivência, muito importante na boa formação dos filhos.

Como a vida em Minas não estava fácil, isso nos anos 40, e com família numerosa, meu avô materno, José Augusto da Silva, em acordo com a minha avó Olinda Batista de Jesus, decidiu vender sua parte das terras deixadas pelo pai, José Cândido da Silva. Jogaram a mudança e a família em cima de um caminhão e foram para Marília/SP por volta de 1944, 1945, fixando-se em Ibiporã/PR em 1947. Aos poucos foram se adaptando; os filhos mais velhos se casando e constituindo suas próprias famílias. Cidade pequena, Ibiporã permitia que todo mundo conhecesse todo mundo. Minha mãe foi tomando gosto pela costura desde cedo, e quando alcançou certa idade, teve a oportunidade de trabalhar em uma alfaiataria, de propriedade do Sr. Nelson

Gotuzo, onde compartilhou ambiente de trabalho com os saudosos Valter Gléria e Maria "espanhola". Só deixou o trabalho perto de se casar, em 1953.

O sabor de Minas e a "mineirice" eram peculiares, perfil marcante das origens da minha mãe. Muito prendada, tanto cozinhava muito bem quanto fazia um crochê como ninguém. Porém, ela mesma nunca valorizava o que fazia; talvez isso lhe rendesse mais elogios. Coisa de mineiro mesmo. Quantos finais de ano regados a fartas ceias, mesas muito bem-postas com pratos que ela não tinha a mínima preguiça de preparar; o leitãozinho assado com a maçã na boca era a atração principal. Tudo compensava seu gênio difícil. Dizia que não gostava de estar no meio de gente, mas acabava se contradizendo; era só ter a oportunidade de levar uma prosa com alguém que lhe agradava, que assunto nunca faltava! Esquecia da hora.

Por outro lado, vinha a influência das origens do meu pai, Palmas, a cidade mais fria do Paraná. As rodas de chimarrão, típicas do Sul do Brasil, somavam-se aos costumes de Minas, mas permaneceram por pouco tempo. Foi um costume que perdeu força, talvez pelo fato do norte do Paraná ser uma região mais quente, e o forte sotaque sulista também foi se amenizando com o passar do tempo. Toda vida lutando contra a obesidade, que não combinava muito com os dotes culinários da minha mãe, meu pai chegou à obesidade mórbida algumas vezes, alcançando até 140 quilos. Quando resolvia fazer dieta, era de muita opinião! Dava dó ver a mesa posta, todos mergulhados na comida deliciosa

da minha mãe, e ele restrito a muita salada e um bife grelhado sem um pingo de óleo. Era um sacrifício enorme para um ser humano que quando a "corda" estava solta, chegava ao supermercado, por exemplo, e comprava duas caixas de bombom; uma era para a família e a outra era para ele. E não comia um bombom hoje e outro no dia seguinte. Devorava a caixa de uma vez só! Sempre foi muito guloso. Com costumes conservadores, para não dizer machistas, ia jogando os papéis em volta da "cadeira do papai", seu trono, e lá vinha a minha mãe recolhendo o lixo, um tanto quanto submissa. Tinham as suas diferenças, mas as semelhanças foram bem maiores. Não foi à toa que chegaram a 65 anos de casamento. Mais que uma vida!

A primeira filha chegou em 1955. Naquela época não era muito comum ter os filhos em hospital. Minha irmã Jussara de Fátima (Silva Lustoza) Fedato nasceu com a ajuda de uma parteira, em casa, no dia 05 de fevereiro. Época de carnaval! Talvez seja por isso que sempre foi muito alegre e alto astral. A princesinha da casa foi crescendo e logo se notou que "um olho ficava no gato e o outro na sardinha". O estrabismo estava instalado e mal sabia meu pai, como também a minha mãe, que mais três filhos também seriam contemplados com essa característica. Meu pai sempre a postos buscando o melhor na medicina para tentar resolver o problema.

Finalmente, depois de sete anos, no dia 27 de maio de 1962, chegou o primeiro varão da família; este que lhe dirige a palavra, prezado leitor. Os tempos, um pouco mais modernos, já fizeram com que meus pais fossem

mais cautelosos. Na madrugada de domingo, às 2h30, já cheguei fazendo barulho, mas sob os cuidados da equipe do Hospital Cristo Rei, pelas mãos de um médico. Minha mãe sempre comentava que quase morreu quando eu nasci; foi um parto muito difícil. Sobrevivemos! Contemplado também com o estrabismo, é claro que o bullying, coisa que ninguém sabia o que era, veio a galope. Eu nunca me importei, sempre contornando bem os deboches. De gênio um tanto quanto forte, mais puxando ao meu pai, mas também à minha mãe, driblava esses episódios com a maior facilidade. Na verdade, achava tudo até muito interessante porque eu era um dos poucos que usavam óculos naquele tempo; minha estreia foi aos quatro anos de idade. Não tenho ideia de quantos óculos já tive, mas se tivesse guardado todos, certamente seria uma coleção imensa.

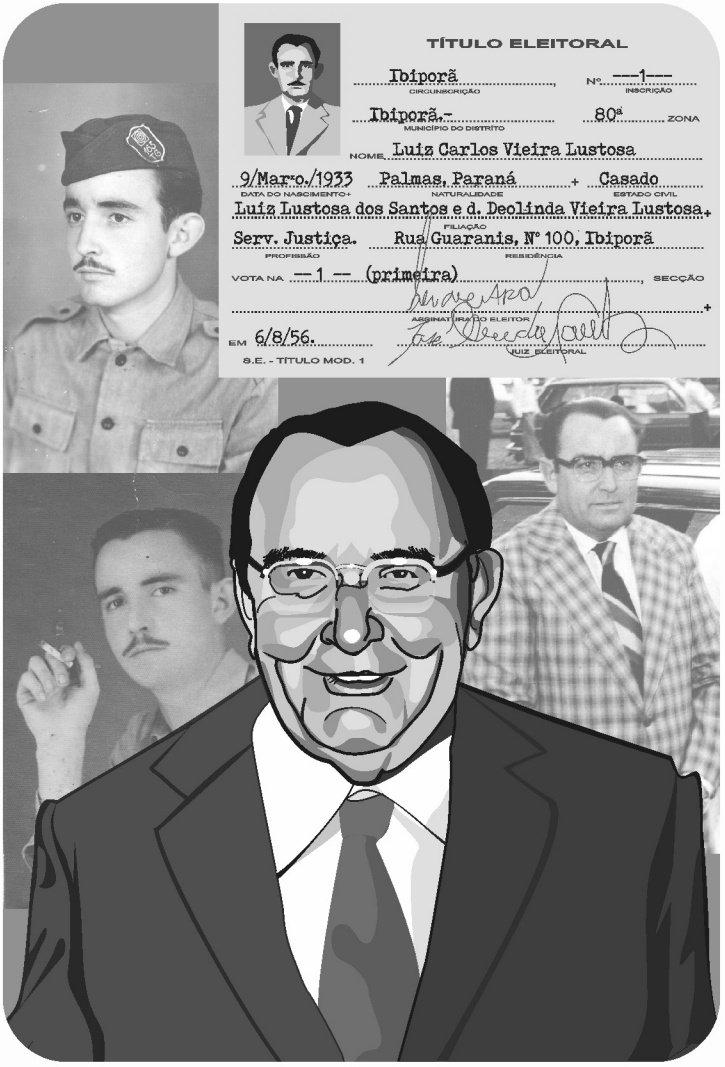
Quando estava para completar meus cinco anos, nasceu meu irmão, Jusênio Carlos Silva Lustoza, em 13 de abril de 1967, no Hospital Santa Terezinha, em frente à minha casa. Eu tinha um grande cuidado com ele, e era um tanto quanto apavorado quando me deparava com situações de perigo. Mais um colecionando óculos em casa, também contemplado com o estrabismo. Uma vez o Jusênio nos pregou uma peça. Ainda pequeno, talvez com seus três ou quatro anos, encontrando o portão de casa aberto, pegou o "caminho da serra" sem noção de direção. Quando sentimos a sua falta, foi um desespero, mas o meu era maior! Saí pela calçada, rodeando a quadra, gritando feito um doido pelo meu irmãozinho. Não tinha quem não escutasse o escândalo. Na minha

pobre consciência, achei que nunca mais o encontraria. Não demorou muito, lá estava ele passeando pela calçada em volta da quadra como se nada tivesse acontecido. Esse episódio é lembrado até hoje em nossos encontros com muitas risadas, entre tantos outros que certamente não encontraria espaço suficiente aqui para registrá-los.

Acreditando que a nossa família se resumiria em três irmãos, minha mãe aos quarenta e um anos dá à luz uma menina. A Jusiana Maria Silva Lustoza veio ao mundo no dia 29 de março de 1974, em Rolândia/PR, a 37 quilômetros de Ibiporã. E, salvando a pátria, com os dois olhos no "gato". Mas, por que Rolândia, sendo que morávamos em Ibiporã? Minha mãe sempre foi resistente a ser atendida por ginecologista homem. Disseram a ela que tinha uma médica muito competente em Rolândia, próximo a Ibiporã, e ela não deu folga para o meu pai. Foi nesse parto que ela realmente quase se foi. Era alérgica a sulfa, um tipo de antibiótico, e esqueceu de dizer à equipe logo que deu entrada no hospital. Entrou em choque. Suas articulações ficaram enrijecidas de uma forma que tiveram que cortar sua roupa para que pudesse vesti-la. Lembro bem das minhas tias Nair e Santa (Onézia), irmãs da minha mãe, chorando em volta da cama, já esperando o pior. Por ironia do destino, elas acabaram subindo para o "andar de cima" e minha mãe ficou entre nós ainda por mais uns vinte e poucos anos. Nasceu de novo!

O dialeto "uai piá", mistura de "mineirês" com sotaque sulista do "leite quente dá dor de dente", não nos

abraçou em casa, mas deu a mim e a meus irmãos a rica oportunidade de construir uma personalidade marcante, cada um com suas características próprias, com um caminhão de defeitos, que todos nós temos, porém com qualidades que se projetam no dia a dia, na família e na sociedade, cada um no cumprimento de uma missão que nos foi predestinada nesta difícil arte de viver.


TÍTULO ELEITORAL
Ibiporã
CIRCUNSCRIÇÃO
Nº. —1—
INSCRIÇÃO
Ibiporã.-
MUNICÍPIO DO DISTRITO
80ª
ZONA
NOME Luiz Carlos Vieira Lustosa
9/Maro./1933
DATA DO NASCIMENTO
Palmas, Paraná
NATURALIDADE
Casado
ESTADO CIVIL
Luiz Lustosa dos Santos e d. Deolinda Vieira Lustosa.
FILIAÇÃO
Serv. Justiça.
PROFISSÃO
Rua Guaranis, Nº 100, Ibiporã
RESIDÊNCIA
VOTA NA —1— (primeira)
SECÇÃO
ASSINATURA DO ELEITOR
EM 6/8/56.
JUIZ ELEITORAL
S.E. - TÍTULO MOD. 1

Gratidão aos antepassados

A grande maioria de nós passa pela vida sem se dar conta da real importância dos seus antepassados. Se eu existo, por exemplo, devo igual gratidão a cada um dos meus ascendentes; se um deles tivesse deixado de existir por um motivo ou outro, tudo seria diferente. Eu provavelmente não estaria aqui contando alguns episódios da minha vida. Meus pais, ascendentes diretos, foram meus genitores e educadores no que tangia seu papel no convívio familiar, de forma incansável nos transferindo bons princípios; são meu maior orgulho. Gratidão eterna. Ao lado da minha mãe, meu pai se despontou no Judiciário como oficial de cartório por muitos anos. Foi, sem dúvida, um dos pioneiros do município e contribuiu em grande magnitude com o seu desenvolvimento. No final da vida recebeu o título de Cidadão Honorário da Câmara Municipal de Ibiporã, reconhecimento mais que justo. Segue abaixo um breve resumo da sua história:

Biografia – Luiz Carlos Vieira Lustoza
Data de Nascimento: 09 de março de 1933
Cidade: Palmas/PR
Filiação: Luiz Lustosa dos Santos e Deolinda Vieira Lustosa – foi o sexto filho de uma família de onze irmãos. Cursou o Primário em escola pública, em Palmas/PR.

Sua vinda para Ibiporã/PR

Meu pai chegou em Ibiporã no dia 24 de dezembro de 1946, trazido pelo meu avô, Luiz Lustosa dos Santos, também acompanhado pelo irmão, Denizart Vieira Lustosa. Os irmãos foram morar com os avós maternos: Aristóteles Alexandre Vieira (vô Tóte) e Corina da Silva Vieira. Residiam na Rua 1º de Maio, esquina com a Rua 19 de Dezembro, no mesmo local onde funcionava a Coletoria de Rendas Estaduais, sendo que o "vô Tóte" exercia a função de coletor de rendas estaduais. O escrivão da coletoria era o Sr. Ezequias Lemos de Carvalho, com quem meu pai passou a fazer o curso de datilografia, o que foi de grande valia no exercício da profissão que abraçaria. O irmão Denizart permaneceu em Ibiporã por curto espaço de tempo, retornando à terra natal.

Passado algum tempo, meu pai passou a residir por longo período no hotel de André Vaz, localizado na esquina da Av. Paraná com a Av. José Bonifácio, convivendo com jovens da época: Carlos Augusto Guimarães, Gino Pereti (vindo da Itália), Atílio Pelisson, Afonso Vazzi, Raul Pascoal, Raul Sá, Valdemar Caburé, e tantos outros.

Início da função pública:

No dia 27 de abril de 1947, a pedido do seu tio materno, Hiro Vieira, comerciante em Ibiporã, passou a trabalhar no Cartório Distrital, que tinha como titular o Sr. Francisco Loures Salinet. O tio Hiro foi proprietário do lendário Bar São Paulo, vereador e presidente da

primeira Câmara Municipal de Ibiporã, tendo sido prefeito por curto espaço de tempo em substituição ao Sr. Alberto Spiaci, o 1º prefeito eleito.

Em 11 de dezembro de 1952, meu pai prestou o seu 1º concurso público, na Comarca de Sertanópolis/PR, até então sede do distrito de Ibiporã, tendo sido nomeado escrevente juramentado (portaria 14/52) do Cartório do Escrivão de Paz e Anexos da sede do município.

Este foi o marco inicial da longa história do cartorário Luiz Carlos Vieira Lustoza em Ibiporã. Em 28 de maio de 1953 casou-se com a minha mãe, Maria Candida da Silva; um casamento que se estendeu por 65 anos. Minha mãe faleceu em 13 de outubro de 2018, em Londrina/PR, e foi sepultada em Ibiporã. Dessa união nasceram os filhos Jussara de Fátima Lustoza Fedato (05/fev/1955 - casada, psicóloga e pedagoga); Jusmar Luiz Silva Lustoza (27/mai/1962 - casado, cirurgião dentista e comunicador), Jusênio Carlos Silva Lustoza (13/abr/1967 - casado, engenheiro agrônomo, bacharel em Direito e gestor imobiliário, ex-titular do cartório, substituindo meu pai) e Jusiana Maria Silva Lustoza (29/mar/1974 - solteira, musicoterapeuta e gestora imobiliária), que lhe encheram de orgulho, principalmente após lhe presentearem com os sete netos e três bisnetos, até então. Até esta publicação os bisnetos já chegaram ao número de 7. Em data de 24 de junho de 1954, meu pai foi designado para responder pela função de escrivão do crime, acumulando as funções de escrivão do júri e das execuções criminais, e de oficial do Registro Civil da sede da Comarca de Ibiporã/PR.

Em 31 de agosto de 1954 foi nomeado pelo governador do estado do Paraná para exercer interinamente o cargo mencionado. No ano seguinte, mais precisamente no dia 04 de julho de 1955, após ter sido aprovado em concurso público de provas e títulos, foi nomeado pelo governador do estado do Paraná para prover vitaliciamente o cargo que estava exercendo interinamente, no qual permaneceu até a sua aposentadoria. Portanto, foram mais de 50 anos prestando relevantes serviços à comunidade ibiporaense. Também respondeu durante todos esses anos pelo Cartório Eleitoral em Ibiporã. Foi o primeiro eleitor do Município, logo após a instalação da Comarca (título de eleitor número 01).

Além da função pública, meu pai sempre foi um ativo participante da comunidade, tendo desempenhado as funções de secretário do Hospital Cristo Rei. Participou por diversas vezes da diretoria da Sociedade Esportiva e Recreativa de Ibiporã - SERI, o mesmo acontecendo com o Estrela do Norte, time de futebol que representou a cidade por muitos anos, tendo sido ainda um dos fundadores da ARA (Associação de Recuperação dos Alcoólatras), entidade que ainda presta relevantes serviços à comunidade. Esteve na função de juiz de paz da comarca de Ibiporã depois que se aposentou, seguindo seu trabalho ao lado do meu irmão, Jusênio, já na antiga função do meu pai, conquistada após aprovação em concurso público.

Meu pai integrou o movimento de "Cursilho" da Igreja Católica, tornando-se grande amigo do padre Rino Nogaroto, de saudosa memória. Foi muito respeitado em Ibiporã, admirado pelas suas atitudes. Sempre

teve como meta cumprir o seu dever. Foi solidário com as pessoas, valorizando-as e respeitando-as pelo que representam como seres humanos. Era muito leal com os amigos, educado e gentil no trato com todos. Homem de caráter e de forte personalidade, jamais se deixou influenciar pelos elogios fáceis, comum nos nossos dias, e por isso fez por merecer o título de Cidadão Honorário em ato solene realizado no dia 21 de outubro de 2013 na Câmara Municipal, pleito de gratidão de Ibiporã a sua pessoa. Faleceu em 17 de novembro de 2019, em Londrina/PR, e foi sepultado em Ibiporã. Deixou muita saudade.

A vida a partir dos anos 60

Os anos 60 foram dourados de fato. Isso ninguém pode negar. Acredito que a verdadeira revolução tecnológica, em especial na comunicação, acelerou nessa década e passou a gerar maior integração da humanidade, com seus expressivos reflexos. Além da era do rádio, que já levava informação e entretenimento à população, a TV começou a invadir os lares e passou a mudar a rotina das pessoas. Como eram poucos aparelhos, o número de reuniões na calçada com os vizinhos quase toda noite, aquele bate-papo saudável, foi diminuindo e o ponto de encontro passou a ser a casa de quem já tinha televisor.

Na minha casa estava um dos três primeiros aparelhos de TV que chegaram em Ibiporã/PR, minha terra natal; ainda nem me conhecia bem por gente, mas sei que era uma festa. Mesmo que ninguém estivesse se dando conta, estávamos no início da "robotização" da humanidade. O diálogo diminuiu, o sedentarismo foi passando de coadjuvante a protagonista, e não tinha mais como voltar ao passado. O mundo realmente seria outro dali em diante; todos hipnotizados em frente à TV para ver a programação, nada diferente de hoje com a chegada dos computadores e aparelhos de celular.

Não vejo como um acontecimento ruim analisando seus reflexos na nossa rotina. Na verdade, para conquistar algumas coisas, sempre temos que abrir mão de

outras. A vida é assim. E de fato as conquistas foram muitas, e de forma desenfreada. Foi possível até chegarmos à globalização; hoje tudo fica perto com o avanço da tecnologia. Viva a Internet!

Nasci no início dos anos 60 e fui privilegiado por acompanhar as conquistas tecnológicas mundiais e ter me inserido nesse contexto de acordo com a sua evolução, o que teve influência direta no meu crescimento pessoal e profissional. Como não escolhemos nossos pais, digo categoricamente que fui muito abençoado por ter sido recebido pelos meus, dos quais sempre me orgulhei.

Compondo uma família de onze irmãos, meu pai chegou em Ibiporã em 1946, construindo uma trajetória de vida muito interessante, de sucesso. O fato de ambos terem nascido com dois dias de diferença; ela em 07 de março e ele em 09 de março; sempre comemorávamos as datas em uma festa só. A família fazia o possível para estar reunida. Foram anos de convivência com os meus pais e meus irmãos. Uma convivência que formou a minha base, o que refletiu com força nas minhas buscas. Minha referência maior sempre foi Ibiporã, onde nasci e vivi até partir para a faculdade, em 1981.

Começando a percorrer o "funil da vida", com amplo diâmetro para acomodar todos os meus sonhos, fui descobrindo o que é a vida, os princípios que deveria adotar, até chegar aos dezessete anos e me ver obrigatoriamente na hora de ter que escolher um caminho a seguir rumo ao mercado de trabalho. Minha infância foi saudável! Sem ter a percepção da importância dessa fase, foi exatamente nesse período que eu estava

conquistando amigos de uma vida toda. O tempo passa e às vezes ficamos mais de quarenta anos sem ver um amigo de infância, e quando acontece o reencontro, é como se o tempo não tivesse passado. Sentimento de irmãos. Quantos momentos inesquecíveis guardo comigo! Poderia escrever livros e livros e jamais conseguiria registrar esses preciosos momentos que vivi na infância e adolescência. Sendo assim, naturalmente sou obrigado a optar por uma seleção difícil, porque todos os momentos tiveram sua importância. Vamos destacando um a um, na medida do possível, até concluir esta edição.

Ainda muito pequeno, com cinco anos, meu pai me matriculou no que chamávamos de Jardim da Infância, no Colégio Maria Imaculada, conhecido popularmente até hoje como Colégio das Irmãs, apesar de encerrada as atividades há muitos anos. Atualmente esse prédio funciona como sede da Prefeitura Municipal de Ibiporã. Como ainda não tinha idade para iniciar o Primário, fiquei dois anos nesse "paraíso". Toda criança nessa fase registra na memória as inocentes brincadeiras e quão encantador é receber e assimilar novas informações. Tudo é novo! Fui alfabetizado quando iniciei o Primário, ou seja, já estava para completar meus sete anos, o que não é comum hoje em dia. Com o advento da Internet e as ferramentas da informática que se somam a ela, não é de se admirar uma criança iniciar o Ensino Fundamental já totalmente alfabetizada.

Iniciar o Primário em 1969 na Escola de Aplicação Gutierrez Beltrão foi muito estimulante! Minha alfabetização se deu com todo o mérito da professora Edna

Pelisson Chivalski, a quem muito devo por ter contribuído com a base da minha formação; nosso guia foi a famosa cartilha Caminho Suave. Seguindo o Primário, tive professoras inesquecíveis que também recebem os meus agradecimentos: Olinda Matsunaga, Elizabeth Acioly Wanderley, Diva Moya, entre outras.

Eu morava a menos de uma quadra da escola, bem em frente ao Hospital Santa Terezinha. Ibiporã cresceu bastante! Era muito menor do que é hoje, e isso facilitava com que os amiguinhos se visitassem e tivessem brincadeiras saudáveis na rua; jogar bets, por exemplo. O perigo era menor, pouco movimento e menos violência. Eram muitas as brincadeiras que integravam as crianças, substituídas hoje pelos joguinhos de celular e videogames, pontos negativos que vejo em relação à evolução da tecnologia, até por contribuir muito com a obesidade infantil, mas, enfim, tudo tem um preço.

O saudoso médico Mauro Feu Filgueiras era proprietário do Hospital Santa Terezinha na época. Como éramos praticamente vizinhos e todo mundo conhecia todo mundo, o fato de estarmos bem próximos acabou criando um forte vínculo de amizade entre as famílias. Nem me conhecia por gente ainda e já me atrevia a fugir de casa logo cedo, atravessava a rua e quando minha mãe percebia, eu já estava no quarto do Dr. Mauro e da esposa, D. Dulce, deitado entre os dois. A casa deles fazia fundos com o hospital, que ficava em frente à minha casa. Eu entrava pelo hospital e já sabia o caminho para chegar lá. O carinho e consideração se mantiveram por muitos anos, até que eles partiram desta vida. Saudade...

Em 1967, ainda acreditando em cegonha, fui avisado que a misteriosa ave estaria me presenteando com um irmãozinho. O "pouso" aconteceria no Hospital Santa Terezinha. Eu me lembro bem, apesar dos cinco anos incompletos, do meu pai me perguntando na calçada se eu queria um irmãozinho ou uma irmãzinha. Nem ele sabia o que viria; ainda não tínhamos a ultrassonografia. Acertei! Meu irmão, Jusênio, chegou no dia 13 de abril. Inesquecível o meu encontro com ele. A "cegonha" o deixou num pequeno berço de ferro, verde claro, ou meio cinza, típico de hospital, e a minha mãe ficou deitada em uma cama, e eu nem imaginava o porquê; talvez policiando o ambiente para evitar que a "cegonha" voltasse para levar o meu irmão embora. Essas fantasias de criança são mágicas. Muitos mantêm a tradição, o que é salutar. Foi muito tempo acreditando em Papai Noel e em coelhinho da Páscoa. A Páscoa, quanta ansiedade! Minha mãe decorava com todo capricho as cestas às escondidas. Uma era minha e a outra do meu irmão. Fazia pegadas de coelho com farinha no corredor lateral da casa, quebrava cenouras e nos colocava para procurar. Onde será que o coelhinho teria escondido? Não sei como, mas o coelhinho sempre atendia ao nosso pedido. Como o ovo não trazia tanto chocolate assim, a opção era o coelho ou coelha, maciços!! Já avisávamos o "coelhinho", meu pai, que era para trazer a coelha. Era mais pesada porque tinha acréscimo de chocolate na saia. O tempo passou, no entanto as lembranças ficaram vivas na memória, o que me faz sempre buscar cada uma delas com muito carinho.

A magia dos anos 70

Estudei em escola pública até o segundo ano do Colegial, hoje chamado de Ensino Médio. Áureos tempos da boa disciplina, de bons professores, da participação efetiva da família na formação dos filhos. Posso dizer com convicção que foram anos "dourados" também. Um privilégio ter tido a oportunidade de estudar em uma ótima escola e de conviver com amigos de todas as classes sociais; muito enriquecedor. Uma amizade pura, sincera, que não era medida pela posição social. Estudei com o filho do prefeito ao filho do gari; respeito e consideração tinham o mesmo peso e medida. A oportunidade de buscar uma boa profissão era igual para todos; tudo dependia da dedicação nos estudos, condição *sine qua non* para poder passar no temido vestibular, sempre muito concorrido por conta do número reduzido de faculdades no País, o que garantia uma ótima seleção dos acadêmicos. Cada curso já tinha início com turmas niveladas, estimulante principalmente para os mestres que tinham a certeza de que teriam a oportunidade garantida de formar competentes profissionais para o mercado de trabalho.

Concluído o Primário, que seguia até o quarto ano, o próximo passo seria o Ginásio, agora no Colégio Estadual Olavo Bilac. Um pouco mais distante da minha casa, aproximadamente uns vinte minutos indo a pé, mas não era tão ruim assim. O que mais me incomodava

era levantar de madrugada para as aulas de Educação Física, ainda escuro. O medo fazia com que o caminho até a escola ficasse longo demais. Éramos obrigados a ficar de shorts e camiseta, inverno ou verão; quadra aberta. Quanto sofrimento! O pior é que eu nunca fui de futebol e o professor me obrigava a jogar. De tão ruim de bola, eu nunca era escolhido para os times. Acabava sendo sobra e o time que era obrigado a ficar comigo já torcia o nariz, pois sabia que até gol contra podia sair. Que tragédia. Mas, tirando o que não prestou, que foi pouco, só tenho lembranças boas dessa época, desde os amigos de uma vida toda aos professores que ficaram marcados na minha memória pelo alto conhecimento e dedicação.

Os gravadores portáteis de fita cassete faziam sucesso nessa década. Ganhei um do meu pai logo que fui para o Ginásio e o aparelho fez história em algumas brincadeiras dançantes que aconteciam normalmente na garagem da casa de um ou outro amigo. Dançar de rosto colado era a grande sensação. Com direito à luz negra! Providenciávamos sempre uma lona para cobrir a frente da garagem e garantir o escurinho. A dance music era responsável por estilos criativos, até mesmo dos passinhos formando coreografias muito interessantes, em dupla ou em grupo. E a moda? O que mais me lembro é das calças boca de sino! Se não cobrissem o pé, era briga certa com a costureira.

Os trabalhos em grupo na escola eram realizados com a aproximação dos amigos que tinham maior afinidade, mesmo quando o objetivo era estudar para uma prova ou outra. Ano a ano as turmas sofriam

alterações, mas no geral alguns amigos permaneceram comigo a maior parte do período que fiquei na Escola Olavo Bilac, da quinta série (Ginásio) ao segundo ano do Colegial (Ensino Médio). Entre eles, Altair Luiz Galassi, Luiz Antônio Pissolato (Totonho/in memorian), Gianne Giovanini, Marilza Ribeiro, Carolina de Cássia Sacca, Agnelo de Souza, Maurílio de Oliveira, Jorge H. Shimomura, ... até mesmo no terceiro Colegial, quando a maioria foi estudar em Londrina. Todo dia, o sol nem tinha aparecido ainda, a Kombi ia passando na casa de um por um até completar a lotação e pegar estrada. 10 km até chegar em Londrina. Trânsito perigoso. Não tínhamos a pista duplicada e iluminada como é hoje.

Um dos inesquecíveis episódios engraçados dessa nossa convivência, peraltice de adolescente, aconteceu no início do Colegial. A Carolina e a Marilza eram vizinhas e boa parte do grupo de amigos decidiu estudar na casa da Carolina; eu preferi estudar sozinho e a Marilza também. De última hora, fui estudar na casa da Marilza, mas eles não sabiam desse detalhe. Os muros antigamente eram mais baixos no geral, e tudo o que acontecia na casa da Carolina era possível ver da casa da Marilza. Eles estudavam na área do fundo, e nós, na copa, bem próximos a eles. Foi a época da tal da loira que assombrava todo mundo. Diziam que era um fantasma que aterrorizava um e outro, e seu local predileto para atacar era banheiros. Pura lenda. Mas, enfim, tudo escuro lá no fundo, tive a ideia de pregar uma peça neles. Marilza e eu ficamos atrás do muro e eu soltei um urro; o primeiro deixou todo mundo apreensivo, um perguntando para o outro se tinha escutado aquilo.

Quando veio o segundo, era cadeira voando e num pé só todos já estavam dentro de casa; até mesmo o Altair, que sempre teve dificuldade de locomoção por problemas de saúde, sarou. Fugiu como uma faísca. Em seguida sai o Sr. Jamil, pai da Carolina, sem camisa, correndo para ver se conseguia desvendar o mistério. Nisso, vendo a repercussão da fatídica ideia, não só acabei com o estudo deles, mas com o nosso também. Nem me lembro do resultado da prova, mas não deve ter sido dos melhores. O pior foi ter que sair da casa da Marilza e ir embora, pois se o Sr. Jamil desconfiasse que tinha sido eu, aquela não seria a melhor hora para ele me ver; consegui chegar em casa, são e salvo.

No dia seguinte, todos chegando para a prova, o assunto não era outro; Marilza e eu nos fizemos de desentendidos e ficamos só na escuta para ver até onde chegaria a história. Uns três ou quatro dias depois, decidiram procurar uma cigana, mãe de santo, não sei bem. E fui junto! A conclusão da charlatã foi que eles teriam sido vítimas de uma alma penada. Como o calor do ocorrido já tinha ido embora, achei melhor contar a verdade e fui perdoado. Apesar das travessuras, todos sempre fomos muito responsáveis e alcançamos nossos objetivos. Cada um concluiu o curso de graduação escolhido e seguiu com sucesso a carreira profissional; mesmo com algumas variantes, que foi o meu caso.

Os anos 70 foram brindados pelos grandes bailes, o que não vemos mais hoje em dia, infelizmente. Tanto pela influência dos meus pais, que sempre gostaram de dançar, e mesmo por termos sido vizinhos do salão social da Sociedade Esportiva e Recreativa de

Ibiporã-SERI por muitos anos (o paredão do clube era o muro da minha casa), não perdia um baile, um acontecimento sequer. Meu grande amigo Fernando Eder de Assis, desde a infância, sempre pegava a mesma onda, muito festeiro. Acabei me tornando um "pé de valsa" da época. Ao som de grandes orquestras, como Leopoldo de Tupã, Casino de Sevilla, de ícones como Gregório Barrios, Francisco Petrônio, rodei quilômetros esse salão, em especial com a minha parceira principal nessa fase, a saudosa amiga Daise Iria. Em 1981 comecei a namorar a Silvana, minha esposa, e em sintonia na dança também, continuamos a rodar alguns salões enquanto os bons bailes, já mais escassos, ainda aconteciam. Chegamos até a pegar a primeira colocação de um concurso de dança de salão durante um baile conduzido pelo cantor Agnaldo Rayol. Acho que foi Baile do Município, em Ibiporã. Bons tempos!

Falando em SERI, hoje abandonado, a sede campestre, que ficava a umas três quadras da minha casa, era o ponto de encontro da sociedade ibiporaense. Desde criança eu praticamente morava no clube, mais precisamente na piscina; foi onde aprendi a nadar e acabei até participando de competição de natação na época de faculdade. Nunca fui atleta, mas sempre foi o meu esporte preferido. Passa um filme na minha cabeça. Infância e adolescência marcantes. Fiz sucesso com a minha bicicleta; a única que tive! Logo que a Tigrão (Monark) foi lançada, ganhei uma do meu pai; até então, só a Silvana Guandalini e eu tínhamos a excêntrica bike na cidade. A roda da frente era menor e o banco era comprido. Todo solícito, o que nem sempre é tão benéfico assim, decidi

ensinar o meu amigo Marco Aurélio Stroka, vizinho de frente da minha casa, a pilotar. Estaria ganhando logo uma bicicleta do pai, o saudoso Sr. Irineu Stroka. Banco longo, sentei atrás e ele na frente segurando o guidão. Veio a esperteza de descer uma rua íngreme, e o freio era de mão. Com a velocidade, ele ficou com medo de soltar as mãos para brecar e eu não conseguia acionar os freios. Pulei da bicicleta e ele acabou caindo, fraturou os dois braços, dentes, e, lógico, não ganhou mais a bicicleta. Acabamos nos reencontrando pelas redes sociais depois de muitos anos sem ter notícias um do outro, e, claro, o fato ficou marcado. Não tem como esquecer. Hoje, só boas risadas.

Deixando o ninho

Eu já tinha deixado o "ninho", Ibiporã, aos dezoito anos, logo que passei no vestibular, em julho de 1981. Morei em Lins-SP durante quatro anos; só voltava a Ibiporã para ver a família. Por volta de um ano antes da minha formatura, meu pai já cogitava a hipótese de mudar para Londrina; minha irmã caçula, Jusiana, passaria a estudar no Colégio Mãe de Deus. O fato de eu voltar e começar a trabalhar em Londrina não foi a razão maior da decisão, mas teve peso. Ainda na ativa no cartório em Ibiporã, meu pai passou a enfrentar estrada todo dia, de carro ou de ônibus, sempre se sacrificando pela família.

Toda mudança é um processo. Uma vez decidido a morar em Londrina, colocou a casa à venda; uma decisão difícil, pois foi meu pai quem a construiu, com muito sacrifício. Lembro dele com insônia, andando de madrugada pela casa, preocupado com as contas. A casa fora construída no início dos anos 70, cidade pequena; comprou uma casa antiga na mesma quadra e a demoliu. Iniciou a construção, vendeu a casa onde morávamos, que era de madeira, e alugou outra bem em frente à obra, até sua conclusão. Por ironia do destino, a casa alugada acabou se transformando em pizzaria nos anos 80, da qual acabei como sócio por pouco tempo.

Na empolgação da casa nova, tudo novo, fomos escrevendo mais um capítulo da nossa história. O

diâmetro do “funil da vida” do meu pai ainda era amplo, sonhava alto, mas sempre com os pés no chão.

Em 1974 nasceu a minha irmã caçula, Jusiana, e no ano seguinte, em 1975, a primogênita da família, Jussara, casou-se e foi morar em Jataizinho, próximo a Ibiporã. As duas irmãs mal conviveram debaixo do mesmo teto; somos em quatro irmãos, mas a distância é grande entre um e outro, o que teve consequências. Passamos a ter um equilíbrio de relacionamento depois que todos já estavam adultos. Natural!

Nessa casa tivemos momentos felizes, mas também muito tensos, o que é normal em qualquer família. Altos e baixos! Entre os momentos felizes estava a chegada dos netos. O Andrey nasceu em 1977, a Samara em 1978 e a Aline em 1981. Eu, sete anos mais novo que a minha irmã Jussara, ainda adolescente ajudei a cuidar das crianças enquanto ela cursava Psicologia em Londrina, o que era um grande prazer. Em 1978 celebramos as Bodas de Prata dos meus pais, e mal sabíamos que chegariam aos 65 anos de casamento. A passagem das Bodas de Diamante; 60 anos de casamento; foram celebradas com todas as honras, inclusive brindando os 80 anos de ambos. Não vi o tempo passar e tampouco percebi que o cone do “funil” da vida dos meus pais estava ficando cada vez mais estreito.

Nem tudo são flores. Passamos uma fase muito difícil com a minha mãe quando entrou na menopausa. Não foi orientada corretamente pela médica quanto à reposição hormonal. Com a história de resistir ao atendimento por ginecologista homem, acabou se acomodando com uma médica que mal a examinava; pedia alguns exames, mas nunca checava a dosagem hormonal.

Com isso, sabendo que são os hormônios que regulam todo o funcionamento do organismo, inclusive o emocional, minha mãe passou a entrar em depressão, o que acabou gerando sérios problemas psíquicos. Como não sabíamos o que estava acontecendo, a primeira iniciativa foi procurar um psiquiatra. Mais mal preparado ainda, o médico passou a administrar ansiolíticos, que seriam dispensáveis caso tivesse tido uma visão global do estado de saúde dela, encaminhando-a para um bom ginecologista com o objetivo de submetê-la a exames específicos, entre eles o da dosagem hormonal. Foram alguns anos enfrentando esse problema. E que problema!!

Um dia a minha irmã Jussara decidiu levar minha mãe ao ginecologista que a acompanhava há algum tempo; foi, mas enganada! Se minha irmã dissesse a verdade, o fato de ser homem já teria rejeição de imediato. Veio a surpresa! Exames mais específicos foram realizados e nos surpreenderam! A taxa hormonal estava completamente desequilibrada. Foi só iniciar a reposição e minha mãe voltou a entrar em sintonia. Morreu totalmente lúcida, em 2018.

Foram muitas histórias nessa casa, um período que deixou saudade. Morávamos ao lado do salão social do clube da cidade, o que nos privilegiava por um lado, sempre acompanhando os acontecimentos, mas também que incomodava, principalmente os meus pais por conta de barulho. Como eu sempre estava na onda, no auge da juventude, minha casa era parada obrigatória para os amigos, o ponto de encontro para arrumação de blocos de carnaval; época que o carnaval ainda era carnaval.

O quintal me traz lembranças da horta da minha mãe, a plantação de morangos, os pés de goiaba... tinha o maior prazer de cuidar. Uma vez deu uma carga grande de goiabas e ela fez três baldes de 5kg de geleia. Eu chegava da escola, almoçava, ia direto à geladeira pegar uma colherada de goiabada cremosa e já ligava a TV para ver a sessão da tarde. Fase maravilhosa.

Essa casa traz muitas lembranças do período de reuniões em família. Os irmãos e sobrinhos da minha mãe se concentravam mais em Ibiporã; minha casa estava sempre movimentada, em especial nos finais de semana. O maior prazer do meu pai era acender uma churrasqueira no domingo e assar uma boa costela; foram domingos e domingos nesse ritual. Impressionante como as coisas vão mudando. Alguns parentes que estavam lá "filando boia" aos domingos, e com frequência, nem sequer apareceram no velório dos meus pais, quanto mais ligar ou visitar um e outro no final da vida. Oportunistas existem em qualquer família; faz parte.

Decidido a se mudar para Londrina, meu pai colocou a casa à venda. Morávamos na Rua José Bonifácio, perpendicular à avenida principal, Avenida Paraná, no coração da cidade. Nosso outro vizinho, além do salão social do SERI, isso até boa parte dos anos 70, era a família Borsato, que tinha como vizinho também os fundos do Bradesco, que já ficava na avenida principal. O Bradesco comprou a casa dos Borsato e a demoliu para fazer estacionamento, e com a necessidade de ampliá-lo, meu pai também vendeu a nossa para o Banco. Tudo certo, mas nada resolvido. Faltava passar por toda a complexidade da mudança. Até comprar um apartamento em Londrina, partimos para o aluguel por um

período de seis meses. Foi o suficiente. Fase um tanto quanto delicada, de adaptação, mas certamente foi a melhor decisão.

Agora vem a parte triste da história. Como só nós tínhamos morado na casa em Ibiporã, o apego por ela era grande, principalmente meu pai, que tinha perdido noites e noites de sono para realizar um dos sonhos principais da sua vida. O pior era que o Bradesco demoliria a casa, destruindo definitivamente esse sonho. Tudo planejado, uma semana depois da minha formatura, no domingo, ele fechou sua jornada na casa à frente da churrasqueira assando aquela saborosa costela. Tudo correu bem; almoço, sobremesa etc. Quando viu que o ritual do almoço acabara, caiu no choro; uma dose ou outra de uísque, sua bebida preferida, potencializou a emoção. Nunca tinha visto meu pai chorar. Sempre muito contido, forte. Aquilo mexeu com todo mundo, e o choro foi geral. Um forte abraço deu-lhe o conforto necessário para seguir em frente. Enfim, página virada. Mudamos para Londrina, morando em apartamento pela primeira vez, enfrentando todos os desafios de adaptação, e seis meses depois acabamos colocando a mudança em cima do caminhão para entrar no novo apartamento, já fugindo do aluguel. E foi assim que deixamos nosso "ninho". Anos mais tarde, com idade mais avançada, todos os filhos encaminhados, meus pais voltaram para Ibiporã, onde ficaram até o meu pai ir para a casa de repouso por conta do agravamento do Alzheimer e das limitações físicas da minha mãe. Era o início de um novo ciclo. O "funil" da vida deles estreitou-se rápido demais. Triste realidade.

Pormenores da década de 80

Posso dizer que a década de 80 foi muito importante na estruturação da minha vida profissional e pessoal. Eu e a Silvana começamos a namorar em janeiro de 1981, e entre encontros e despedidas, decidimos nos casar em 21 de dezembro de 1989. Ela acompanhou todo o processo da minha construção profissional. Em julho de 1981 passei no vestibular na tradicional Faculdade de Odontologia de Lins-SP. Com o apoio do meu pai, fui enfrentar os quatro anos de vida universitária; no primeiro ano ele bancou meus estudos com muito sacrifício, até que, finalmente, consegui o crédito educativo pela CEF, o que amenizou bem a despesa que tinha comigo. Meu pai, meu herói! Nunca mediu esforços para que eu pudesse correr atrás dos meus sonhos, apesar de toda dificuldade que tinha como funcionário público. Chegada a formatura, em 12 de julho de 1985, todos brindamos em grande estilo; tudo muito bem organizado, sem poupar o requinte, da colação de grau ao grande baile.

Que triste a hora da despedida! Minha turma sempre foi muito unida. Até hoje nos encontramos de cinco em cinco anos, exceto em 2020, quando completamos 35 anos, por conta da pandemia. Já é hora de pensar em diminuir a periodicidade desses encontros. O diâmetro do nosso "funil da vida" está cada vez menor, o que nos

faz ficar mais alerta, pois já perdemos alguns amigos de turma.

Viver em Lins me proporcionou muitas alegrias. Tanto na questão de absorver conhecimento para exercer a profissão, pois estava estudando em uma das melhores faculdades privadas do estado de São Paulo, quanto na interação social. Nunca fui músico, mas sempre muito musical. As rodas de violão na república e os bate-papos até altas horas contribuíram com a despedida dolorosa da vida de estudante. Mesmo sabendo que a educação continuada seguiria, o mais difícil acabou sendo a ruptura do convívio diário com os amigos, que eram como irmãos. Cada um estava partindo para um recomeço, em todos os sentidos.

Falando em música, tive dois momentos marcantes em Lins. Um foi ter participado de um festival cantando com outros colegas da faculdade. Teatro lotado!! Tremi na base, mas foi uma experiência inesquecível. O outro foi quando decidimos montar o grupo Alta Rotação; um grupo de samba composto por quatro colegas da minha turma: Jairo, Chicão (in memorian), Carlão e eu, complementando com dois de outra turma mais adiantada da mesma faculdade: Nagib e Omar (in memorian). Chegamos até a assinar contrato para tocar na noite. Essa fase foi um cometa, passou muito rápido, mas valeu muito a pena. Saudade...

O primeiro mês de faculdade, chegando em Lins, foi o pior. Fiquei em uma pensão e caí em um quarto com um desconhecido. Já nos primeiros dias ganhei um grande amigo, João Batista, gente muito boa, que fazia Engenharia Civil em outra faculdade; nunca mais tive

notícias. Depois de um mês, com mais três colegas de turma que estavam na mesma pensão formamos duas duplas: eu com o Vilmar José C. de Oliveira, e o Gilsomar G. Shnitzer (in memorian) com o Sérgio Augusto Cianteli; e acabamos procurando a casa da D. Benilde Capetti, mãe de um colega de turma, Almir Capetti. Ela disponibilizava quartos mobiliados para alugar, o que já não era propriamente uma pensão, e assim teríamos mais privacidade. Não muito satisfeitos, terminando o semestre decidimos montar república; uma correria para comprar o essencial: beliches, fogão, geladeira etc., e outro colega de turma, o Paulo de Tarso Bueno de Campos, somou-se ao grupo, resultando cinco, e mais tarde veio o Ricardo L. Matsunaga, também colega de turma. E assim seguimos em seis até iniciar o último ano de faculdade. Foi então que meus companheiros resolveram mudar de casa, acho que o proprietário tinha pedido o imóvel, o que poderia aumentar a minha despesa. Como meu pai estava em uma fase financeira um pouco complicada e eu já me encontrava na reta final, pesou na consciência e acabei me desligando da república para buscar um quarto em um "pombal", o que ficaria mais econômico. Seria um tanto difícil! Minha república sempre foi organizada, tínhamos uma convivência muito boa, o que me garantia um equilíbrio emocional maior, e isso refletia diretamente na concentração nos estudos. Acabou que me adaptei bem e todo dia estava na república com os irmãos postiços que ganhei.

Uma vez de volta a Londrina, a minha primeira oportunidade foi trabalhar no consultório do Dr. Valdir Ilídio Mardegan, conterrâneo, de Ibiporã. Como eu ainda era

inexperiente, procurei acertar mais do que errar; foi um grande aprendizado, apesar do pouco tempo que ficamos juntos, somente um ano. Sou muito grato a ele principalmente por ter me mostrado como deveria gerir um consultório. Sim! Na faculdade aprendíamos a ser técnicos e não empreendedores da Odontologia, e o meu objetivo mesmo era ter o meu próprio consultório, sempre me espelhando no meu dentista de criança, o Dr. Rubens de Sá, que na verdade foi a inspiração maior que me levou a fazer o curso que fiz. Prestes a consolidar mais um sonho do meu "funil da vida", lá estava meu pai mais uma vez pronto, com toda boa vontade, para me ajudar novamente. Comecei a pesquisar preço de equipamento odontológico e achei um de segunda mão em Bauru, São Paulo, que cabia no nosso bolso; devagar fomos montando o consultório e ali fiquei por alguns anos. Iniciei as atividades em agosto de 1986.

Mal montei o consultório, em outubro de 1986 apareceu a oportunidade de participar com outros colegas de Londrina do Congresso da American Dental Association – ADA em Miami-FL. Reunindo as economias e contando sempre com a ajuda do meu pai, abracei a oportunidade; além de estar diante de uma grande experiência de vida e busca de conhecimento, o fato de enriquecer o meu currículo poderia me abrir portas no futuro. Os sonhos, que eram muitos, fervilhavam! A sensação era de que o mundo estava conspirando a meu favor. Acabamos fazendo uma turnê de vinte e dois dias nos Estados Unidos e tivemos a sorte de estar presentes em alguns momentos marcantes do país: comemoração dos 15 anos da Disney World, em Orlando-FL, fomos a

Nova York, onde visitamos a grande maioria dos pontos turísticos, entre eles o World Trade Center, no qual fomos até o topo de uma das torres, e assistimos à maratona mundial realizada tradicionalmente no dia 02 de novembro, com chegada no Central Park. Seguimos para Philadelphia e Washington. Tivemos o privilégio de visitar a Casa Branca e o Capitólio. Se for me estender, cabe mais um capítulo só sobre esta viagem.

Um capítulo à parte nessa década aconteceu exatamente no segundo semestre de 1987. Talvez por ter crescido dentro de um Fórum acompanhando o trabalho do meu pai como cartorário, decidi prestar vestibular para Direito na Universidade Estadual de Londrina, e passei!! Era muito mais concorrido do que é hoje. Como perder a oportunidade? Fiz minha matrícula e comecei a frequentar as aulas. Veio o primeiro obstáculo. Boa parte dos meus pacientes pedia horário depois das 18h por conta de trabalho, o que não podia recusar, ou não me sentia seguro para tomar tal decisão. Comecei a perder sempre a primeira aula, o que foi me desestimulando uma vez que sempre levei a sério o que me propus a fazer na minha vida. Foram dois meses levando o curso nesse ritmo. Não bastasse isso, apareceu a oportunidade de entrar de sócio com uma prima, Regina E. Lustosa (Strozzi), em uma pizzaria de Ibiporã; Pizzaria Nova Capri, a única da cidade! Muito tentador para quem estava começando a vida e queria vencer. Combinamos que estariam à frente o então namorado dela, atual marido, Valter Strozzi, e a Silvana, minha esposa, ainda em fase de namoro. Foi o segundo e último obstáculo para que eu abandonasse o curso. Foram três longos meses

como empresário, um tanto quanto cansativo. Atendia até tarde no consultório, em Londrina, e depois pegava a estrada, 10 km, para ajudar no atendimento na pizzaria. Final de semana? Nem pensar em descanso, pois o movimento era maior. O cansaço e a falta de maturidade foram pesando, ainda solteiro, além da harmonia na sociedade ficar ameaçada. Decidi então vender a minha parte e seguir em frente somente com o consultório. Valeu a experiência.

Até eu me casar, em dezembro de 1989, apesar de não ter tido aquela folga financeira esperada, tudo foi se encaminhando da melhor forma possível, sempre participando de cursos e atualizando as ferramentas de trabalho no dia a dia. Fomos concluindo a década de 80 com saldo positivo. Nesse período agreguei alguns convênios, o que me ajudou a ter uma renda melhor além do particular, já contribuindo com melhorias no consultório e com o desejo de ter a minha casa própria antes de casar. Consegui financiar meu apartamento pela CEF em 1987 e as coisas se encaminhavam bem. No início de 1989 decidimos que o casamento sairia em dezembro. Até o dia "D", 21 de dezembro, o meu apartamento estava todo mobiliado. Perfeito! Conseguimos até fazer uma bela recepção e viajar para o Rio Grande do Sul. Foi tudo como manda o figurino. Um belo começo de vida, tudo dentro daquilo que eu tinha planejado.

- Anos 90 -
Início da revolução

Recém-casado, consultório andando, mal sabia eu que seria alvo certo da deficitária economia brasileira, como a grande maioria dos brasileiros foi. Se muitos não acham nossa economia muito estável hoje, até por conta das sequelas da pandemia, com toda certeza nos anos 90 foi muito pior. Como sempre, a corda arrebenta do lado mais fraco. Ainda em plena lua de mel, querendo aproveitar tudo o que a vida oferece de bom, já no início de 1990 decidimos fazer uma viagem para o Pantanal mato-grossense. Uma excursão programada para a Semana Santa, e quase foi cancelada por conta das novas medidas econômicas do Plano Collor. Uma tragédia! Muitas pessoas faliram, outras acabaram até se suicidando por este Brasil afora. Nós, firmes e fortes, acreditando no nosso país, seguimos em frente. Fomos conhecer o Pantanal e, aos poucos, procurando nos ajustar aos reflexos negativos do novo plano do governo. Nossos sonhos ainda cabiam no diâmetro maior do "funil da vida."

Na luta do dia a dia, o tempo voou de fato. Foi uma década que me forçou a sair da zona de conforto, mesmo querendo resistir. Afinal de contas, como ficava a questão da virtude chamada persistência? Ser metódico, como sempre fui, já não funcionava mais. O castelo

estava correndo o risco de ruir a qualquer momento, mas o bom é que todo castelo tem príncipes e princesas, e foi exatamente nessa década que nasceram as minhas filhas. A Naiara chegou em 09 de maio de 1992, e a Isadora, em 18 de maio de 1995. A família formada, uma grande alegria, mas também uma responsabilidade enorme. Nossa estabilidade financeira já não existia mais e agora tínhamos duas princesas em casa que precisavam de atenção; um futuro que estava em jogo.

Fomos matando um leão a cada dia. Tanto a Naiara quanto a Isadora foram muito cedo para a escolinha, que não era pública. A Silvana também precisava trabalhar para ajudar nas despesas e ter a oportunidade de colocar em prática os seus projetos. Quando nos casamos, ela cursava Nutrição, contudo teve que parar os estudos para trabalhar e se dedicar à família; não era o que havíamos planejado, mas era o que tínhamos para nos ajustar aos reflexos de tanta crise. Enquanto conseguimos segurar o fardo pesado das despesas, tudo certo. O mais triste foi quando a Naiara, já perto dos 7 anos, isto em 1998, deixou a escolinha e teve que iniciar o Ensino Fundamental em uma escola municipal porque a particular ficaria fora do nosso orçamento; a Isadora permaneceu. Sendo uma pessoa que toda vida valorizou muito a educação, maior patrimônio que um ser humano pode conquistar, foi uma frustração muito grande não poder proporcionar a ela o que eu mais queria. Na verdade, acredito que havia um certo preconceito da minha parte em relação à escola pública, apesar de eu ter passado por esta experiência na formação de toda minha base

educacional. Não estava me dando conta disso. Quando ela começou a estudar nessa escola, vi que nem tudo o que é pago é o melhor. A educação em escola pública já não era a mesma dos anos 70. Fato! Por isso o preconceito, mas percebi que ainda havia escolas bem estruturadas e com professores compromissados; mais uma lição de vida. A escola era excelente. Acompanhamos de perto as atividades e fiquei contente com os resultados.

Foi uma década que venci todos os meus limites. Ou melhor, descobri que podia muito mais do que achei que realmente podia. Só precisava enxergar novos horizontes e agir. Tive que quebrar a minha rotina sem pensar muito nas consequências, buscar apurar a minha fé com a ajuda do Amigão lá de cima, elevar o poder da minha mente por meio de movimentos filosóficos e livros de parapsicologia, sempre apurando o pensamento positivo. Em 1997 cheguei a mudar de endereço antes de decidir fechar de vez o consultório, mas não foi uma boa ideia. Dispensei a secretária para diminuir despesas e acabei sobrecarregado; veio a depressão, porém, não me entreguei. Nem comentava para não causar um efeito dominó em casa. A Silvana estaria suscetível a entrar no mesmo barco. Procurei administrar este momento difícil da melhor forma possível. Algumas vezes, em instantes de desespero, pensei até em me jogar do 9º andar, já no endereço novo, e acabar com aquela história. Que loucura. É claro que não teria sido a melhor solução.

Devagar fui tomando as providências necessárias, já vendo uma possível reestruturação da minha vida, o

que foi inevitável e indispensável. O importante é que eu estava começando a enxergar uma luz no fundo do túnel. Quando fechei meu consultório de vez, isto em 1999, numa sexta-feira, fui à missa no domingo junto com a Silvana. Tive um ataque de choro incontrolável durante a celebração. Meu sonho na profissão, que era ter o meu consultório particular, tinha desmoronado; um sonho conquistado e depois perdido do "funil da vida". O que seria de nós dali em diante? Um desabafo que me assustou na hora, mas que me proporcionou um conforto inexplicável logo em seguida. Tinha conseguido virar aquela página da minha vida que tanto me fazia mal, que a "virtude" da persistência não me permitia tomar qualquer decisão.

Um pouco antes dessas traumáticas mudanças, ainda em 1998, eu estava muito envolvido com atividades da Associação Odontológica do Norte do Paraná – AONP, já buscando alternativas que pudessem combater a minha depressão. Com a colaboração de alguns colegas, montei e coordenei o departamento cultural por um tempo, fase em que eu me extravasava participando do coral da associação e de outras iniciativas do departamento que tinham como objetivo maior combater o estresse dos dentistas que frequentavam a AONP. Comecei a perceber que ficar sozinho em um consultório não me fazia bem mesmo. E isso já tinha se arrastado por muito tempo! Eu me recusava a ver o limite da minha perseverança, o que virou burrice porque eu sempre achei até então, e sempre me disseram, que persistência era só virtude. Descobri o que na verdade já sabia, que o meu

negócio era estar no meio de gente, de barulho; outro indício de que o meu caminho na Comunicação estava começando a ser trilhado, e logo ajudou a neutralizar tudo de ruim que o consultório havia me causado, apesar das fases áureas, que obviamente existiram.

A AONP oferecia cursos de aperfeiçoamento e de especialização, período que fiz muitas amizades graças ao Dr. Wilson Trevisan Junior, titular do curso de Periodontia, a quem sou eternamente grato. Vendo a minha decadência profissional, ele me surpreendeu ao me oferecer uma bolsa para o curso de aperfeiçoamento em Periodontia. Mais do que depressa aceitei e busquei corresponder à sua ajuda. Vendi um freezer que estava encostado no meu apartamento e investi tudo em material específico do curso. Nesse meio tempo a AONP estava organizando o 1º Congresso Mundial de Odontologia e passei a integrar uma das comissões. Um evento de grande sucesso. Foi quando conheci o Dr. Waldir Edgar Carnio (in memorian), ex-tilutar da cadeira de Periodontia da Universidade Estadual de Londrina. No estreitamento da nossa amizade, ele já com idade avançada, percebendo que eu estava meio sem rumo no consultório e na vida, decidiu me chamar para integrar a sua clínica, momento decisivo para eu encerrar definitivamente as atividades do meu consultório.

Na nova fase, já na clínica do saudoso Dr. Waldir, eu já estava com a mente mais aberta, buscando novos horizontes e com a depressão muito mais controlada, apesar de não saber muito bem como seria o andar da carruagem. Eu e o Dr. Waldir conversávamos bastante;

era um grande conselheiro. Um pai! Do início de 1999 a maio de 2001, que foi quando parti para os Estados Unidos em busca do meu estágio na área de distúrbios de sono, minha última tacada na Odontologia, sentia com clareza que a minha mente estava repaginada, aberta para novos projetos, e a minha vida estava prestes a tomar outro rumo, não sabia qual. O controle não estava, e na verdade nunca esteve, nas minhas mãos. Só nas Dele.

Vivenciando o 11 de setembro

Estar nos Estados Unidos como turista é uma coisa, mas morar, é outra. Tive as duas experiências. Em 1986 participei com um grupo de colegas dentistas, de Londrina/PR, do Congresso da American Dental Association-ADA, em Miami/FL. Tudo maravilhoso, com olhos de turista. Conheci lugares fantásticos, históricos. Além de Miami, passamos por cidades imponentes, como Orlando, Nova York, Philadelphia, Washington, entre outras. É uma viagem que demoraria um capítulo ou um livro para descrever toda a experiência que tive. Mesmo assim, não conseguiria atingir o meu objetivo. Por isso é que sempre digo que fazemos dois investimentos reais na vida: um é educação; o que não tem muito o que discutir por ser um patrimônio que ninguém nos rouba; o outro é viagem. Muitos veem como gasto, mas é investimento! Além do que aprendemos, o que se vê no roteiro de uma viagem, o que é vivenciado, é intransferível. Por mais boa vontade que você, leitor, tenha de contar as experiências da sua viagem a alguém, jamais vai conseguir, mesmo munido de fotos e filmes. Desta forma, não vou me atrever aqui a me alongar muito neste quesito. O importante é saber que esta faceta dos Estados Unidos que pude ver em 1986 foi completamente diferente da que vi em 2001/2002, quando morei em Boston/MA.

Chegando na terra do Tio Sam, no final de maio de 2001, as incertezas eram muitas, mas o otimismo estava acima de tudo. Meu "funil da vida" estava me permitindo consolidar mais um sonho, contudo o preço a pagar seria bem alto, mas estava ciente. Embarquei uma semana antes do meu aniversário, 27 de maio. A despedida no aeroporto de Londrina foi a mais dolorosa. De tudo, o que mais me doía era deixar as minhas filhas, pelo fato de serem crianças (a Naiara com 9 anos e a Isadora com 6) e por não entenderem muito bem, ou nada, o que estava acontecendo, o porquê da minha partida. Era um incômodo sem tamanho. Fui chorando de Londrina a São Paulo. Só parei quando liguei de lá antes de embarcar no voo internacional. Pela nossa conversa com elas, ficariam só três meses longe de mim. Estaria voltando depois disso, mas mal sabiam que os planos eram outros.

Desembarquei em Miami já com a experiência negativa de perder uma boa jaqueta de couro que esqueci em um dos bancos do aeroporto. Ali estava à minha espera um representante de uma empresa para me levar a Fort Lauderdale, onde eu tiraria a minha carteira de motorista. Em Boston não conseguiria o documento porque o meu visto era de turista, assim como o da Silvana e das minhas filhas, que dentro dos nossos planos estariam embarcando ao meu encontro dali três meses. Com a minha ID, que é uma carteira de identidade americana, e a habilitação na mão, no dia seguinte já embarquei para Boston. A comunicação não tinha a facilidade de hoje; não era possível me comunicar em tempo real durante toda a viagem, o que me deixava um

tanto quanto angustiado, ainda mais com uma longa conexão de cinco horas em Atlanta. O jeito foi ocupar a cabeça conhecendo todos os blocos do aeroporto, o que valeu muito a pena. Chegando a Boston, final da tarde, logo a minha sobrinha, Samara, foi com uma amiga me buscar. Fiquei no apartamento dela por aproximadamente uma semana; não via a hora de encontrar um lugar certo para me instalar, apesar de toda boa vontade que teve de me receber. O apartamento dela era pequeno, mas fiquei bem acomodado, o suficiente até encontrar um quarto na casa de uma família de brasileiros, em Revere, região das praias; o primeiro erro para quem foi para os Estados Unidos e precisava aprimorar o inglês, fator importante para alcançar melhores oportunidades no país.

Como a locomoção ficava um tanto quanto limitada pela complexidade das rotas de ônibus e da distância de estações das linhas do metrô, comprei um carro, um Honda Accord 1986. Era um carro mais antigo, mas estava em perfeito estado. Foi o que me salvou. Quando não conseguia optar pelo metrô para chegar à Tuffts University ou mesmo ao consultório do Dr. Larry Lockermann, com quem fiz estágio em aparelhos intrabucais para ronco e apneia do sono, tinha o meu carro à disposição. Com o carro à mão, também foi possível arranjar um trabalho de delivery em um restaurante brasileiro que ficava em um bairro do outro lado da grande Boston, em Roslindale; segundo erro em relação ao aprimoramento do inglês. Rodei muito. Inacreditáveis 20 mil milhas em um ano que morei em Boston, equivalente a 30 mil quilômetros. Um recorde! Com toda

dificuldade, sem GPS, sempre estudando mapas, acredito que quando estava na fase de vir embora, seria capaz de dirigir pela cidade até de olhos fechados.

O início foi um período que muitas coisas ainda teriam que se ajustar para que eu pudesse traçar planos no novo país; não morava na minha casa, não tinha a minha família por perto para me dar apoio, mas a luta, principalmente nos três primeiros meses, era no sentido de conquistar o meu espaço e buscar a minha família. Esse era o meu foco. Pouco para completar quatro meses em Boston, veio o ataque terrorista. Um dia que ficou marcado; vivenciar aquilo de perto foi algo surreal. Final da manhã, peguei o metrô em Revere, onde morava, e fui em direção ao Centro, na Tuffts University. Duas ou três paradas antes de chegar, a estação do Logan Airport, exatamente de onde tinham partido os aviões havia pouco tempo; uma hora, talvez. Até então não notei nada de anormal. Chegando à universidade, vi um movimento diferente. O prédio da Odontologia é na vertical e em cada andar funciona um departamento. Logo ao entrar no prédio, vi um volume maior de pessoas saindo. Aparelhos de TV ligados em todos os lados, piso a piso, e as pessoas com ar de assustadas. Foi quando perguntei o que estava acontecendo e me dei conta da gravidade de tudo. Quando percebi que muitos estavam deixando o prédio, vi que o medo já tinha tomado conta, e como ninguém sabia mais o que estava por vir, passou pela cabeça das pessoas que a Tuffts University também pudesse ser um dos alvos dos terroristas. Mais do que depressa, desci e peguei o caminho

de volta, mesmo ouvindo alguns dizerem que o metrô havia parado. Felizmente, não. Cheguei bem.

Muitos rumores!! Naquele mesmo dia saiu a conversa de que os terroristas estariam envenenando a água de abastecimento. Medo de beber água, de tomar banho. Tudo virou motivo para que as pessoas ficassem acuadas, apavoradas. A primeira ligação que consegui fazer para a família foi um alívio e já iniciou a pressão para que eu voltasse ao Brasil.

No final da tarde do mesmo dia eu tinha que atravessar Boston para chegar no meu trabalho. Percebi um movimento maior no trânsito, mas nada que me impedisse chegar. Em um dos faróis da Brooklyne Ave comprei um jornal, e nele a tragédia estampada na capa, apesar de tão pouco tempo, e foi então que me dei conta de que a repercussão do acontecido seria muito maior do que eu imaginava. Guardei o jornal por muitos anos.

De um dia para o outro o cenário nas ruas mudou, principalmente no movimento do metrô. Boston eu digo que é um minimundo. Circulam pessoas de todos os cantos do planeta. Quando entrava no trem, era uma mistura de idiomas, de vestimentas. No dia seguinte, não se via mais aquelas mulheres com burcas. Os muçulmanos, se não se enclausuraram, ficavam muito bem disfarçados entre os passageiros. Passava na rua, uma folha que caía da árvore já era motivo de pânico. O policiamento nas ruas triplicou, e, por consequência, a discriminação contra imigrantes também. Dia a dia os americanos foram se acostumando com a tragédia e nós imigrantes fomos ficando um pouco menos apreensivos. Continuei a minha rotina, mas agora as portas

já estavam fechadas para a questão da busca do Green Card, o que nos garantiria uma vida digna no país. Até o ataque terrorista, tudo se encaminhava bem para que esta abertura de legalização viesse nos beneficiar por meio da universidade. O bom relacionamento e o aconselhamento de amigos que fiz, como é o caso da Dra. Haydee Hermann, na época titular da cadeira de Periodontia da Tuffts University, fazia com que a minha esperança crescesse cada vez mais, isso até o fatídico 11 de setembro.

O tempo foi passando, a pressão da família aumentando, as portas já não queriam se abrir mais, então resolvi cumprir a minha missão em relação ao estágio, fui a Seattle no início de junho/2002 participar de um Annual Meeting com dentistas do mundo inteiro que trabalhavam com distúrbios de sono, voltei a Boston, fui me despedir dos amigos, peguei minha bagagem e fiz o caminho de volta ao Brasil. Não consegui cumprir o que prometi a mim mesmo em relação às minhas filhas, mas hoje acredito que o Bin Laden acabou me fazendo um favor, apesar de tantas vidas perdidas e da crise mundial. Agradeço a Deus com todas as minhas forças por ter me direcionado de volta. Não sei se teria conseguido educar tão bem as minhas filhas nos Estados Unidos e se teria direcionado futuro melhor do que pude proporcionar a elas em Rondônia. Não teria me descoberto na Comunicação e muito menos alcançado tanto respeito e crescimento profissional durante todos esses anos. Fico cada vez mais convencido de que jamais teria chegado neste patamar se tivéssemos optado por morar em Boston. Deus sabe o que faz.

BEM VINDO A
CACOAL
CAPITAL
DO CAFÉ

A caminho de Cacoal

Muito triste a nossa partida de mala e cuia de Londrina rumo a Cacoal. Partimos bem cedo, no dia 15 de julho de 2002. A mudança ficou toda arrumada no apartamento; o caminhão encostaria mais tarde para carregar. Na véspera, a despedida da família. Não estávamos só rompendo uma convivência que nunca mais voltaria a acontecer; estávamos tirando a maior alegria dos meus pais e dos pais da Silvana, Aparecida e Fernando Cortez Mostasso, que era ter o carinho quase que diário das minhas filhas, Naiara e Isadora, de 10 e 7 anos, e vice-versa. Que tristeza não poder mais receber a atenção frequente dos avós, que tristeza não poder mais tomar aquele café com a minha mãe quase todas as tardes, que era o que eu fazia quando dava um tempinho no meu consultório, que não ficava longe de onde ela morava. Que pena não poder mais almoçar todos os domingos com eles. Eu me senti culpado por estar tomando uma decisão tão drástica, mas sabia também que devia seguir a minha intuição para não haver lamentações futuras. Resumindo, mais vale o gosto da derrota do que a frustração por não ter tentado; na pior das hipóteses, pegaríamos o caminho de volta.

É claro que se houvesse uma forma de continuar me mantendo em Londrina, não teria saído de lá. Pagamos um preço muito alto por isso. O mais gigantesco deles

foi vir para um lugar onde não havia um irmão, um tio, um sobrinho, ninguém da família que fosse nos receber com um abraço caloroso de boas-vindas. Éramos nós e Deus. Também não podíamos contar muito com a minha comadre Maria de Lourdes, pois levava uma vida corrida e difícil de adaptação.

Chegamos a Cacoal no dia 17 de julho de 2002. Como minha comadre estava de férias em Londrina, cedeu gentilmente seu apartamento até que nós nos acomodássemos na nova moradia. Um calor medonho e nós correndo atrás de casa para descarregar nossa mudança que chegaria muito mais cedo do que imaginávamos. Acabamos fazendo duas mudanças em dois dias, o que foi traumático. Como chegamos perto do meio-dia, paramos no antigo Caramba (churrascaria) para almoçar. A empolgação das minhas filhas era contagiante; na inocência de criança, agiam como se estivessem chegando na Disney. Eu tinha plena convicção de que a reclamação de ambas não demoraria muito para acontecer. Dito e feito! Afinal, em Londrina tinham os parentes para visitar, passeavam todo final de semana no Shopping Catuaí, até então o único da cidade. Era outro mundo. Chegar em uma cidade pequena, outro clima, nada de lazer, o choque aconteceria mesmo. Inevitável! Uma vez instalados, estava dada a largada da nova vida em Cacoal. Ano especial com a comemoração do Jubileu de Prata do município, em novembro de 2002.

Em pleno mês de julho, tínhamos que correr para matricular as meninas em alguma escola e assim concluir o ano letivo, mas recomeçando a vida, como pagar uma escola particular? Na busca de patrocínios

para analisar a viabilidade de lançar meu programa de TV, consegui parceria também com a Escola Luterana Concórdia, a mais tradicional de Cacoal na época. Acho que foi uma das conquistas que mais me fizeram acreditar que eu estava no caminho certo. A educação das minhas filhas estava garantida, pelo menos enquanto essa parceria durasse. E foi longe!! Fui me empenhando cada vez mais na Comunicação e me conscientizando de que não seria somente uma atividade paralela de sobrevivência, provisória, e sim a porta para a minha ascensão profissional.

Rondônia de maneira geral é composta por ovelhas desgarradas. A grande maioria deixou suas famílias e veio desbravar este estado cheio de oportunidades. Dá dinheiro em árvore? Não! Mas não falta trabalho para quem realmente tem vontade de trabalhar e acredita no seu potencial. Nesses vinte anos vi muitos chegarem com sede ao pote e irem embora, como vi também muitos encontrarem seu lugar à sombra. Sim! À sombra! O sol nasce para todos, mas a sombra é só para quem tem vontade de vencer. A sorte tem seu peso! Nos primeiros dias que estávamos na cidade, passamos a pé em frente à empresa STELRON, telefonia e segurança, que era do casal Adília Macedo e Sebastião Amaro. Éramos praticamente vizinhos, mas não tínhamos tido ainda oportunidade de nos conhecer. Começou a chover e buscamos abrigo no toldo em frente à loja, a qual ficava anexa à residência deles. Durante a parada, esperando a chuva passar, iniciamos uma grande amizade, o que se transformou em afeto, tornando-se a nossa família em Cacoal; muito fizeram por nós durante todos esses

anos. Sempre estiveram presentes, tanto nos momentos felizes quanto nos mais tristes. Consideração de pai e mãe mesmo! Impagável.

Minhas filhas começaram o segundo semestre do ano letivo. Seguiram sem a menor dificuldade. A partir do momento que foram fazendo amizades, deixaram de reclamar um pouco. O tempo foi passando e a minha casa ficava cada vez mais movimentada. Já não me preocupava tanto com elas, pois estavam felizes.

Antes de iniciar o projeto do programa de TV, o qual foi batizado de Ponto de Encontro, tinha que assumir o mais rápido possível o que estava ao meu alcance, que era o trabalho no Sesi Clínica. Fui me apresentar à gerente na época, Raimunda Queiroz Kersting, que acabou me passando todos os detalhes de como funcionaria o meu trabalho. Eu receberia por produção, ou seja, não teria honorários fixos. Preocupante de início, mas felizmente o Sesi Clínica já tinha uma boa rotatividade de clientes, o que foi apaziguando as despesas fixas.

Paralelamente, mais do que depressa fui estudando toda a estrutura do meu programa. Com contrato fechado na TV e com a Mega Vídeo Produções, alguns patrocínios garantidos, demos início ao programa no final de setembro, exatamente dois meses após a minha chegada na cidade. Tudo muito rápido. A partir daí, minha vida começou a mudar de fato. Já via uma luz brilhante no final do túnel. Não era a galinha dos ovos de ouro, como nunca foi, mas o respeito e confiança que ganhei, os quais não têm preço, vieram a galope. Se tenho um certo reconhecimento hoje no estado de Rondônia, devo à minha atuação, ao trabalho sério que sempre desenvolvi com a Comunicação.

Uma coisa que me incomodava muito em Cacoal era pagar aluguel. Lutei tanto antes de me casar para já entrar na minha casa própria, que desconforto era ter que pagar aluguel. Por outro lado, aluguei o meu apartamento em Londrina. O valor de um cobria o outro, mas eu não estava feliz com isso. Não deixou de ser uma atitude cautelosa, afinal de contas não tínhamos certeza de que ficaríamos em Cacoal. Se acontecesse de pegar o caminho de volta para Londrina, meu apartamento estaria lá nos esperando. Ficamos oito anos pagando aluguel, mas nesse meio tempo vendemos o apartamento em Londrina e compramos um terreno. Como tinha pressa, negociamos o terreno na nossa casa. Finalmente ficamos livres do aluguel e nossas raízes em Cacoal se fortaleceram ainda mais, mas veio o segundo capítulo de reclamação das minhas filhas, pois passamos a morar um pouco longe do Centro. Nem tanto, mas ainda não estavam em idade para ter habilitação; tudo questão de adaptação. Aos poucos fomos nos adequando quanto a deslocamento. Elas já eram moças, foram se aproximando da idade de dirigir, compramos mais um carro e a nossa vida foi melhorando. Meu maior presente era ver que as minhas duas filhas estavam correspondendo a todo meu esforço. Sempre foram muito estudiosas e dedicadas. Tinham estabelecido objetivos concretos para o futuro, e chegaram lá! Hoje, advogadas, casadas, seguindo com a educação continuada, têm muito a percorrer, mas podem se considerar vitoriosas naquilo que já conseguiram consolidar. Com toda certeza o céu é o limite. Vão chegar onde quiserem chegar. São minhas guerreiras. Agradeço a Deus toda hora.

De dentista a jornalista

Uma das fases mais dramáticas e perigosas da vida é quando temos que escolher a profissão. A maioria dos jovens chega na fase do vestibular e não sabe ao certo que curso de graduação optar; não tem maturidade suficiente e ao mesmo tempo tem que seguir em frente. É importante que se faça um bom estudo de cada profissão, seu mercado de trabalho, se há sintonia em relação aos procedimentos que serão realizados na rotina profissional e se ela promoverá prazer na arte de trabalhar. Enfim, a escolha errada pode levar à frustração, o que tem sabor amargo. Mesmo tendo certeza da escolha, surpresas podem vir na jornada profissional, que foi o meu caso. Escolhi fazer Odontologia e estava convicto disso. Muito esforço até passar no vestibular (jul/1981 / Lins/SP). Isso, um ano e meio depois que terminei o Colegial (Ensino Médio). Uma longa e desgastante luta no cursinho pré-vestibular.

Os quatro anos de faculdade estão entre os mais felizes da minha vida; um período que deixou muita saudade, principalmente dos meus amigos. Um curso fascinante, de muitas descobertas. Sempre digo que a profissão de dentista é a mais completa. Para exercê-la tem que ser um pouco médico, psicólogo, marceneiro, entre outras habilidades; um desafio para se tornar um bom profissional de fato.

Rebobinando a fita, nos anos 70 eu trabalhei um período no cartório com o meu pai, no eleitoral. Montei vários processos e datilografei inúmeros títulos. Uma das exigências do meu pai era que todos os filhos (4) aprendessem bem a datilografia, o que foi e continua sendo de grande valia na minha vida profissional, hoje na função de jornalista. Se digito com todos os dedos sem olhar no teclado, devo isso ao meu pai. Uma habilidade que me ajudou muito nos trabalhos de escola, de faculdade, e mesmo durante a minha vida profissional como dentista. Jamais imaginei que a datilografia seria um dia a minha ferramenta principal de trabalho, como jornalista. Uma mudança premeditada? Não! Aconteceu. Nada foi planejado.

Foram mais de vinte anos na Odontologia. Altos e baixos! Sempre fui muito metódico. Logo após me formar, idealizei ter meu consultório, prosperar na profissão, ajustar a minha vida pessoal e seguir em frente, crescendo no meu ofício e construindo a minha família. Como sempre digo, desígnios de Deus. Desenhei a minha vida de uma forma, mas aconteceu de outra, principalmente em relação à profissão. E agradeço muito a Ele por isso! Sou hoje um jornalista muito respeitado no estado de Rondônia; mais que isso, muito feliz com o que faço, como me realizava também com os bons trabalhos que fiz na Odontologia. Mas, missão cumprida. Nem sempre o que parece ruim é ruim de fato. É uma porta que se fecha para que sejamos obrigados a tentar abrir outra. Só tem que ter iniciativa. Quando dizemos "Se Deus quiser", não está correto, Ele sempre quer. Portas estão à nossa frente, que são as oportunidades;

temos que levantar e fazer a nossa parte, que é tentar abri-las. Uma pode se abrir, outra não; faz parte do jogo. A que se abrir, temos que entrar e explorar tudo que ela oferece.

Depois de várias tentativas, percebi que é sensato dizer que persistência é uma virtude, e até certo ponto é. Contudo, ao chegar no limite é necessário ter sensibilidade para percebê-lo, pois insistir passa a ser burrice. Insisto nessa observação porque desejo que você não leve anos, como eu levei, para chegar a essa conclusão.

É fundamental saber a hora certa de virar a mesa, de apurar a sabedoria. Quando fali em 1998, literalmente, fechei meu consultório e tive que vender meu carro para sustentar a minha família; um carro que demorei cinco anos para pagar em suadas prestações de consórcio. Estava a pé e sem meu consultório. Mais uma vez meu pai me estendeu a mão me emprestando uma Paraty usada que tinha acabado de comprar com a intenção de ficar com dois carros. Acabou me socorrendo e fiquei com o carro dele durante um ano. O desespero só não foi maior porque fui acolhido pelo saudoso Dr. Waldir Edgar Carnio (in memorian), ex-titular da cadeira de Periodontia da Universidade Estadual de Londrina – UEL, que me convidou para trabalhar na clínica dele por comissão. Tentando me reerguer, acabei me interessando por uma área nova da Odontologia que talvez fosse promissora. Mergulhei na teoria sobre tratamento de distúrbios de sono com aparelhos intrabucais, especificamente para ronco e apneia do sono. Grande incentivador, o Dr. Waldir me deu suporte e organizei um simpósio em Londrina/PR, onde residi por mais de

quinze anos, desde quando me formei. Trouxemos uma equipe VIP de médicos de São Paulo, expert no assunto. Por ser um tratamento de ação multidisciplinar, acionamos profissionais como fisioterapeutas, otorrinolaringologistas e de outras áreas afins. Foi um sucesso! Tivemos até cobertura do jornal do meio-dia em rede estadual. Mal sabia eu que nessa iniciativa eu já estava me descobrindo na área da Comunicação.

O desejo de me aprofundar mais no assunto me abriu portas para ficar um período nos Estados Unidos fazendo um estágio na área. Morar fora do país era um desejo antigo. Sempre achei fascinante a ideia de aprimorar o meu inglês e estar em contato direto com outra cultura, mas a decisão não foi tão simples assim. Tive que ponderar algumas coisas. Teria que pagar um preço alto, pois não tinha como levar a minha família. Já estava com duas crianças, de 9 e 6 anos, e a única opção seria partir sozinho. Então, por que não aproveitar a oportunidade e abrir caminho para levar a família também? Minhas filhas poderiam ficar fluentes no inglês e isto abriria muitas portas a elas no futuro. A intenção seria ficar três meses para buscar uma segurança financeira maior e já levar todo mundo. Vendi meu carro, aluguei meu apartamento em Londrina, onde morávamos, e esposa e filhas foram morar provisoriamente na casa da minha sogra em Ibiporã, a 10 km de Londrina.

Parti no final de maio de 2001. Cheguei em Boston e fui acolhido pela minha sobrinha, Samara Fedato, que estava fora do Brasil havia alguns meses. Um período crítico de adaptação, sendo que o mais urgente seria arrumar um emprego, pois o estágio não era remunerado.

Com o dinheiro que levei comprei um carro (Honda Accord, 1986) e abracei o trabalho como entregador em um restaurante brasileiro. De imediato comecei meu estágio na Tufts Universitity e no consultório do Dr. Larry Lockerman. Já estava em Boston havia quase quatro meses e ainda não muito seguro para levar a família, quando ocorreu o ataque terrorista, o inesquecível 11 de setembro de 2001. Eu estava exatamente onde partiram os aviões. O cenário do país mudou, a discriminação contra imigrantes aumentou, mas mesmo assim fiquei, continuei meu estágio, trabalhando e analisando dia a dia os prós e contras de levar a família. O tempo foi passando, a pressão de toda família para eu voltar aumentando, e assim fui desistindo de mais um sonho do meu "funil da vida". Aguentei firme até conseguir ir para Seattle, do outro lado dos Estados Unidos, onde participei de um Annual Meeting em junho de 2002, evento que reuniu dentistas do mundo todo com foco no tratamento de ronco e apneia do sono. Oportunidade ímpar! De volta a Boston, peguei toda a minha bagagem e voltei ao Brasil.

Nos últimos meses que estava em Boston comecei a me comunicar com a minha comadre Maria de Lourdes Sperandio, em Cacoal/RO. Crescemos juntos em Ibiporã e ela tinha sido recém-contratada como professora na Unesc, uma das faculdades de Cacoal, entre as mais tradicionais da região Norte. Falou muito sobre a cidade e acabou me incentivando a conhecer antes de criar raízes novamente em Londrina. Eu e a Silvana, minha esposa, fomos até Cacoal, fizemos uma análise geral e vimos que não valia a pena sair de Londrina, pois não

tínhamos um ponto de partida. Como estávamos em plena Copa do Mundo de 2002, fomos assistir a um dos jogos no auditório da Unesc, já prontos para voltar a Londrina. Em uma roda de bate-papo estava a Sra. Dulcinéia Nascimento, esposa do então presidente da mantenedora da faculdade, Dr. Antônio Carlos Nascimento. Correu um assunto descontraído sobre a programação local na TV, que estava começando, e acabei comentando de brincadeira para minha comadre que seria uma boa ideia montar um programa em Cacoal nos baseando no perfil de programas já consagrados em Londrina, como o "Mafalda Mulher" que era conduzido por Mafalda Bongiovani, grande amiga e minha madrinha de casamento. Morreu o assunto, não demorou muito e um funcionário da Unesc veio me chamar dizendo que o Dr. Nascimento estava querendo conversar comigo. Não estava entendendo o porquê da conversa, mas atendi ao chamado. A esposa, Dulcinéia, comentou com ele sobre a conversa que tivemos, já sabendo um pouco sobre mim pela minha comadre, e ele, que era também um dos diretores da Federação das Indústrias do Estado de Rondônia – FIERO, acabou me oferecendo um espaço no Sesi Clínica para trabalhar como dentista, o que seria o meu ponto de partida. A oferta foi um incentivo para que eu colocasse em prática a ideia do programa. O que era uma brincadeira, foi levada a sério por ele, o que me fez refletir. Como sou do lema de que nada acontece por acaso, mesmo sem saber quais seriam os meus honorários, dei um passo à frente e acabei aceitando o convite. Loucura! Mas como já tinha passado por alguns testes desafiadores deste

tipo, foi o tempo de voltar a Londrina, colocar a mudança no caminhão, pegar o carro, a família, e enfrentar 2.400 km de estrada. Uma aventura! Um corsa sem ar condicionado e ainda levando um filhote de poodle que tinha acabado de presentear as minhas filhas. Quase que o bichinho não resistiu à viagem.

O caminhão não era próprio para mudança. Conseguimos um caminhoneiro que fazia fretes nessa rota. Viemos na frente para alugar uma casa e ele chegaria dois dias depois, tempo suficiente para organizar tudo. Chegamos na hora do almoço, no mês de julho/2002. No final da tarde ele me ligou dizendo que já estava em Comodoro/MT, pois tinha conseguido um ajudante e nem parou para dormir. Bateu desespero. Com muito custo achamos uma casa de propriedade de uma funcionária do Sesi, Maria Helena Lazzari, que seria minha colega de trabalho. Isso o sol já tinha ido embora e ela felizmente acabou me liberando a casa sem providenciar contrato. Fiquei muito grato. A casa estava com alguns problemas, em especial no banheiro, o que nos deixou preocupados. Nem dormimos aquela noite aguardando a mudança chegar. Quando foi de madrugada, encostou o caminhão. Estávamos hospedados no apartamento da minha comadre, no Centro. Ela se encontrava de férias em Londrina. Fomos descarregar a mudança logo cedo. Desajeitados, o motorista e seu ajudante quebraram muita coisa; jogavam as caixas do caminhão sem o mínimo de cuidado.

Uma vez tudo descarregado, a Silvana sentou na calçada e começou a chorar. Num ímpeto, decidimos fechar tudo, voltamos para o apartamento e demos

um tempo para esfriar a cabeça. No dia seguinte, logo pela manhã, já mais conformados, do nada a Silvana viu próximo de onde estávamos hospedados uma placa de aluga-se em um sobrado. Uma bênção!! Essa placa não estava lá no dia anterior. Uma prova de que Deus existe sim!! Construção relativamente nova, prédio recém-pintado, na medida. Mais do que depressa procuramos a proprietária da casa e ela gentilmente, muito compreensiva, acabou me devolvendo o cheque que havia passado a ela já garantindo o primeiro mês de aluguel. Lá fomos nós atrás de caminhão e pessoal novamente para fazer outra mudança. Finalmente nos instalamos no apartamento e ali ficamos durante oito anos até comprar a nossa casa. No início, nem ar condicionado tínhamos. Quanto calor! Houve noites que eu dormi no piso da sacada.

Foi difícil, mas tudo acabou se acomodando aos poucos. Assumi minha função no Sesi Clínica e paralelamente comecei a estudar como funcionava um programa de TV local; tinha que agir rápido. Optei por um programa independente, formato que permanece até hoje. A Mega Vídeo Produções, na pessoa do amigo Elias Ferreira Martins, por quem tenho grande consideração e gratidão, assumiu a produção e lá se vão vinte anos de parceria. O programa já teve início em setembro de 2002, dois meses de nossa chegada a Cacoal. Foi tudo muito rápido e a resposta na busca de patrocinadores teve um feedback muito positivo, o que me animou bastante. O período de experiência seria de doze semanas, nosso primeiro contrato, e aqui estamos nós quase completando vinte anos no ar. O contrato se estendeu

por um período na TV Allamanda (SBT) com o aval do seu diretor, Valdeci Lopes, passou por outras emissoras, e hoje estamos na TV Suruí (Cultura), canal 15, dirigida também por Valdeci Lopes, a quem deixo meus agradecimentos por sempre ter acreditado no meu trabalho, principalmente no início, dando-me um voto de confiança que acabou abrindo e despontando um novo horizonte na minha vida.

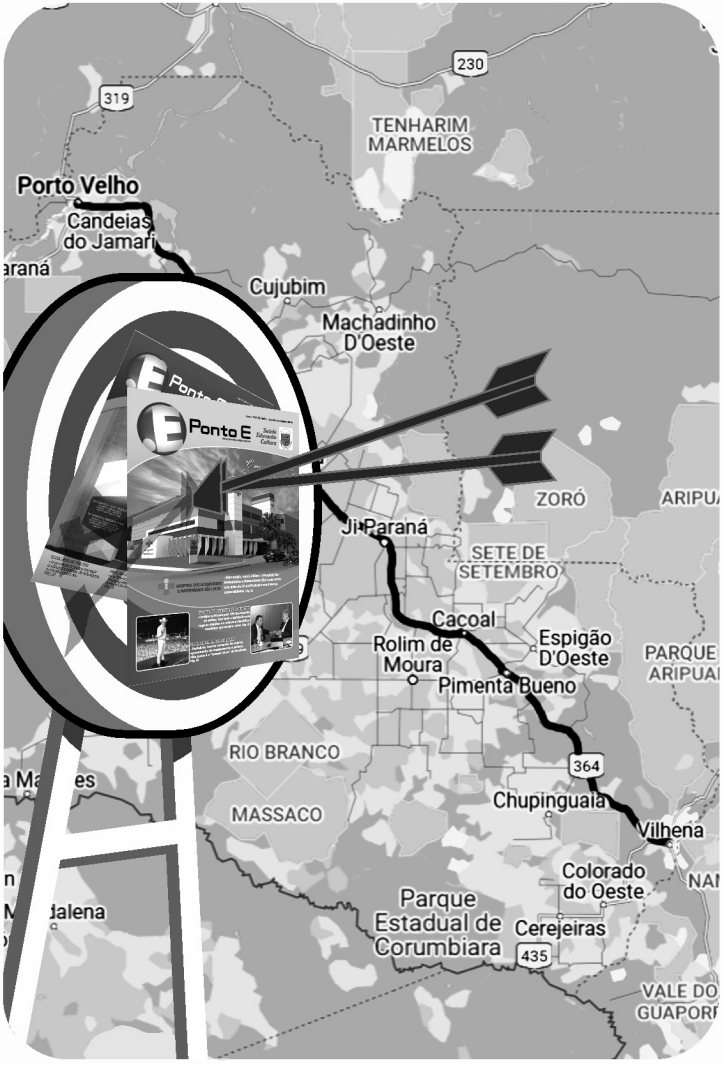
Fiquei ativo ainda como dentista por mais de cinco anos em Cacoal, sempre buscando fazer valer todo o meu esforço e investimento na área de distúrbios de sono, o que foi em vão. Por ser um tratamento de ação multidisciplinar, a mentalidade da classe médica ainda era muito provinciana para seguir essa linha. Cada vez mais fui me envolvendo na Comunicação e me encantando com este universo. Dois anos após estrear o programa, assumi a sucursal do jornal estadual Folha de Rondônia, já extinto, pelo qual lutei muito, por muitos anos. Até hoje é um jornal lembrado com bastante respeito e saudade; uma marca forte. Foi a porta para que eu iniciasse trabalho em outros jornais, como o Tribuna Popular, depois o A Gazeta de Rondônia, além do Correio de Rondônia e do Expressão Rondônia.

Ainda não muito satisfeito, queria ter o meu próprio veículo de comunicação. Sempre, desde quando me enveredei para esse campo, pensava na hipótese de lançar uma revista. Minha inspiração era uma revista de Londrina, a Bem-Estar, que tinha o perfil mais profissional, destacando o conhecimento dos profissionais da saúde. Adotamos novo perfil agregando as áreas da Educação e Cultura, e em abril de 2008 o sonho se

tornou realidade. Soltamos a primeira edição da revista Ponto de Encontro, seguindo o nome do programa, o que poucos meses depois fixamos a marca Ponto E padronizando todos os veículos que estamos inseridos, ou seja, programa, jornais, revista, sites. A revista Ponto E sempre foi de publicação trimestral e de circulação estadual. Um grande desafio, mas com um feedback sempre muito positivo. O lançamento aconteceu no auditório do atual Sicoob Fronteiras, cooperativa conhecida na época como CrediCacoal. Os convidados, entre autoridades, imprensa, anunciantes, alguns empresários e amigos mais próximos, brindaram com a equipe em fino coquetel oferecido na Casa de Dança Rodolfo Gonçalves.

O fato de o projeto da revista Ponto E desde o início vetar publicação de eventos, política e enaltecimento pessoal, acabou fazendo com que se tornasse um livro em revista. Seu conteúdo, num contexto geral, não tem tempo de validade, permanecendo por muito tempo em salas de espera sem deixar de ser interessante e atual. O projeto teve algumas conquistas muito importantes durante esses anos, entre elas a premiação pela Câmara Brasileira de Cultura, entidade que represento em Rondônia como conselheiro estadual na federação. Em 2016 veio o reconhecimento internacional. Até então é a única revista de circulação popular da região Norte com inscrição na Biblioteca Mundial (ISSN 2525-5231); no universo acadêmico outorga pontuação em currículo aos artigos assinados, além de gerar maior credibilidade a todos os apoiadores.

Como foi uma migração gradativa de dentista para jornalista, tomei a decisão de me afastar da profissão de formação, cirurgião-dentista, quando vi que o meu tempo ficou praticamente tomado com os trabalhos que já estava desenvolvendo na Comunicação. A Odontologia acabou ficando definitivamente de lado, apesar de neste meio tempo ter ameaçado me preparar para a docência cursando pós-graduação em Metodologia e Didática do Ensino Superior; concluí, mas percebi, por alguns fatores, que não haveria compatibilidade com a Comunicação. Senti e sinto muita falta da Odontologia, mas a sensação é de dever cumprido. Fiz grandes trabalhos como dentista, dos quais tenho muito que me orgulhar. Cumpri meu papel nos mais de vinte anos ativos na profissão. O tempo voa!! Se me formei em julho de 1985, a conta do tempo de formado se estendeu bastante!


230
319
TENHARIM
MARMELOS
Porto Velho
Candeias
do Jamari
Cujubim
Machadinho
D'Oeste
ZORÓ
Ji-Paraná
SETE DE
SETEMBRO
Cacoal
Espigão
D'Oeste
Rolim de
Moura
Pimenta Bueno
RIO BRANCO
364
Chupinguaia
MASSACO
Vilhena
Colorado
do Oeste
Parque
Estadual de
Corumbiara
Cerejeiras
435
Ponto E

Século XXI – a ascensão na Comunicação

Virada de século, de milênio, de vida. Metódico como sempre fui, em julho de 2001 eu estava em processo de mudança radical, em todos os sentidos! Eu não tinha mais, na verdade nunca tive, as rédeas nas minhas mãos. Eu sabia que mesmo buscando ter o controle das coisas, teria que treinar a maleabilidade na execução dos meus planos de vida; muito bem calculados, bem conduzidos, porém, sem vê-los como parte de uma ciência exata, que nunca foram. Teria que deixar a neurose de lado, tão entranhada em mim, sem me importar com o preço que pagaria por isso. Era questão de vida ou morte.

Após tantos tropeços, acabei me conscientizando que os desígnios de Deus estariam à frente, sempre. Seria menos desafiador a partir de então, apesar de ser uma missão difícil, porque eu me libertara de muitos bloqueios. O ano que vivi nos Estados Unidos, longe de tudo e de todos, foi muito importante; passei a ver que eu teria que me tornar alguém e não continuar sendo mais um. Não podia mais deixar que a vida continuasse a passar por mim, eu teria agora que correr e passar pela vida, deixando marcas, só assim não cairia no esquecimento depois de cumprida a minha missão nesta vida. Tenho a sensação que consegui, e vou muito mais além!! Consegui ficar rico? Não! A riqueza que

conquistei não há dinheiro que compre. Acabei encontrando em mim uma identidade própria na comunicação. Identidade intransferível, que nem eu mesmo desconfiava que tinha. Fui ganhando público, seguidores, que não são somente de redes sociais, e assim fui me aceitando, elevando cada vez mais a minha autoestima e me sintonizando melhor no papel que eu deveria desenvolver como jornalista e comunicador. Mudar é um processo!!

Na Odontologia, atender no Sesi Clínica foi um grande aprendizado. Anos e anos atendendo em consultório particular, passar a atender em ambiente com mais profissionais, aquele entra e sai de pacientes, foi algo inusitado. Por outro lado, era cômodo! No consultório, em especial quando estava só no meu, eu tinha que me preocupar com cada detalhe. Além de dentista, tinha que ser gestor. No Sesi Clínica eu só me preocupava em atender. Da assepsia do equipamento, esterilização dos instrumentais à reposição de material, tudo ficava por conta das auxiliares odontológicas. Mesmo não tendo sido uma fase tão rentável como dentista, eu era um profissional estritamente técnico; fazia o procedimento e tinha só o trabalho de lançar no sistema pelo computador. Teria até continuado no Sesi Clínica além dos cinco anos, mas a parte burocrática de pagamento mudou e eu já estava com períodos mais curtos de atendimento, então cheguei à conclusão que deveria dar uma pausa. Nem imaginava que seria uma decisão definitiva.

Durante os cinco anos que estive no Sesi Clínica, contando desde quando chegamos em Cacoal, montei consultório em parceria com mais dois colegas; ficamos

um tempo na ativa, até mudamos de endereço, mas não foi uma iniciativa muito bem-sucedida. Recuei. Em contrapartida, o meu trabalho na Comunicação crescia. Não financeiramente, mas estava conseguindo honrar os compromissos, ter uma vida mais digna, e meu nome continuava a ser muito bem ventilado na região, o que me estimulava e me deixava feliz.

Os veículos de comunicação foram se adequando às mudanças tecnológicas, como acontece todo dia e com uma velocidade sem tamanho. Quando comecei com o programa, isto no dia 27 de setembro de 2002, ainda eram usadas aquelas câmeras enormes e fitas VHS; os recursos eram de ponta, mas nada comparável ao que se vê hoje. A Mega Vídeo Produções, sob o comando do publicitário Elias Ferreira Martins, produzindo o programa há quase 20 anos, sempre buscava e busca o que há de mais moderno no universo tecnológico. Não podemos nem comparar a qualidade que tínhamos quando iniciamos o programa com a que temos hoje.

A proposta inicial do programa Ponto de Encontro foi entrevistar profissionais da área da Saúde. Até tínhamos material humano para abastecer o programa semana a semana, mas havia dificuldade para fazer com que profissionais enfrentassem um microfone e uma câmera. Sendo assim, resolvemos abrir o leque. Tiro certo! Além da Saúde, agregamos Educação e Cultura. Nunca mais tivemos dificuldade para preencher a agenda de gravação semanal.

O programa sempre teve uma hora de duração. Iniciamos com quatro blocos e fazíamos matérias externas, o que era muito trabalhoso. Com o tempo, fomos

ajustando a distribuição do conteúdo nesta uma hora de gravação, o que gerou uma harmonia maior; diminuímos um bloco e cortamos as coberturas externas; gravações só em estúdio deixaram o programa mais leve. Na verdade, um programa de TV tem que ter frequentes inovações. É como regar uma planta; se isso não acontecer, morre.

Uma das preocupações para montar o programa piloto era o cenário. Fizemos um investimento inicial com móveis, conseguimos local para gravação, mas logo em seguida desistimos e acabamos fazendo parceria com a artista plástica Kátia Ribeiro. Seu ateliê era bonito, moderno, perfeito para receber nossos convidados. Por um tempo utilizamos esse espaço e depois fomos para o antigo salão de eventos Armazém, em acordo com o casal proprietário na época, Eliane e Vitor Ragnini. Passado esse período, veio a ideia de gravar em empresas parceiras; toda semana mudaríamos o ambiente, o cenário, o que deixaria o programa sempre de visual novo. Uma excelente ideia que segue em alta.

Um dos pontos fortes do programa, desde que estreou, é fazer algum tipo de degustação de produtos saborosos cedidos por empresas parceiras, além de mimos que as mesmas cedem gentilmente para presentear nossos convidados.

A projeção da minha imagem no estado de Rondônia começou a acontecer de fato quando assumi a sucursal do jornal estadual Folha de Rondônia em Cacoal. Ficamos dez anos empenhados em fazer crescer a marca na região, o que foi de grande êxito, tanto para o jornal quanto para a minha imagem como colunista. A

partir dessa conquista, as portas foram se abrindo cada vez mais. No final da minha missão no jornal Folha de Rondônia, comecei a assinar coluna no jornal mais antigo de Cacoal, o Tribuna Popular, muito respeitado e disputado. Concluindo essa fase, assumi espaço no jornal A Gazeta de Rondônia agregando também coluna no Expressão Rondônia e no Correio de Rondônia.

Um sonho que estava no "funil da vida" e eu nem sabia, era ter o meu próprio veículo de comunicação. Lançamos a revista Ponto E em abril de 2008. Sem planejar muito, estávamos fixando uma filosofia de trabalho, o que impulsionou ainda mais a nossa marca. Ponto E, com foco no nosso projeto, passou a ser sinônimo de TV, de jornais, de revista e de redes sociais! E como cada veículo tem o seu público, passamos a interagir nossos apoiadores com públicos diferentes, o que gera notório resultado. Uma mídia que resulta muito mais benefício do que propriamente custo.

Paralelamente a todos os veículos que sempre estivemos inseridos, já abraçando com força a evolução da Internet, começamos a hospedar todo nosso trabalho na imprensa em dois sites, de forma muito bem direcionada. O site jusmarlustoza.com.br foi criado primeiro; o foco é hospedar links dos programas semanais, conteúdo das colunas sociais e cobertura fotográfica de eventos, o que foi criando uma seletividade maior conforme foram aparecendo os aparelhos de celular. A cobertura fotográfica de eventos tinha como objetivo maior atrair pessoas para o site. Esse chamariz faria com que o internauta conhecesse de perto nosso trabalho

na comunicação. Os eventos continuam, as coberturas também, no entanto, selecionadas com muito critério.

O site revistapontoe.com.br, como o próprio nome diz, foi criado para hospedar exclusivamente material relacionado à revista Ponto E; todas as edições dos últimos 14 anos estão disponíveis no site, exatamente como foram impressas. Somando o material de todos os veículos à dinâmica das redes sociais, alcançamos grande público, que é o combustível do nosso trabalho e da busca pela inovação no dia a dia. Não é um "bolo" feito com receita, mas com intuição, apesar da técnica estar sempre presente; o "sabor" do produto final sempre acaba ficando muito especial, único.

Ctrl+Alt+Del

Alzheimer – lidando com o preconceito

Que todos nós vamos envelhecer e morrer, não há dúvida. O problema é aprender a envelhecer e aceitar a morte, e não há como agendar. Envelhecer é inevitável, ficar velho é opcional. É uma mensagem que vemos muito, principalmente nas redes sociais, e é verdade! Acontece que quando somos mais jovens, o diâmetro do "funil da vida" está amplo, mas o dos nossos pais, não mais. As limitações com a idade vêm, mais cedo ou mais tarde. São sinais de que a curva da vida já está em queda. Se nascemos crianças, dependentes, e voltamos a ser crianças na velhice, também dependentes, administrar esse fim é um tanto quanto doloroso para a família.

Uma das heranças genéticas que tenho é o Alzheimer. Alguns foram "premiados" na família, outros não. A minha avó paterna, Deolinda Vieira Lustosa, por exemplo, foi diagnosticada oficialmente com Alzheimer quando estava nos seus oitenta anos de idade; a doença foi evoluindo e se arrastou por quatorze anos, quando veio a falecer.

Meu pai saiu de Palmas aos treze anos de idade rumo a Ibiporã. As estradas, a comunicação, tudo era muito difícil naquela época. Minha avó tinha um carinho especial pelo meu pai, e como toda mãe, sofreu demais

com sua partida. Na medida do possível, sempre visitava meus avós; as estradas aos poucos foram melhorando, recebendo asfalto. Quando foi comunicado que a minha avó estava com Alzheimer, ele disse que não iria mais visitá-la. Meu avô, Luiz Lustosa dos Santos, já tinha partido havia alguns anos, vítima de câncer. Essa decisão não era por falta de consideração. Na verdade, seria uma grande decepção chegar na casa da mãe e não ser reconhecido por ela. Relutou na sua decisão por quase dois anos, mesmo sendo muito cobrado para repensar.

Chegou o grande dia. Decidiu ir a Palmas para visitar a mãe. Fui junto! Eu tenho clara na minha mente a expressão de decepção do meu pai quando perguntaram a ela quem era ele. Com um olhar perdido respondeu que era um dos netos, o Luiz Antônio, filho da tia Maria Luiza, irmã caçula do meu pai. Um balde de água fria, já esperado, mas como dizem, a esperança é a última que morre. Até passar por isso, acredito que no fundo ele ainda tivesse a esperança de ser reconhecido quando a reencontrasse. A partir daí, conformado com a situação, as visitas se tornaram constantes novamente. Conseguiram cuidar da minha avó em casa, revezando entre as filhas, até que o seu dia chegou.

O tempo passou!! E rápido demais. No final dos anos 2000, lá por 2008, talvez um pouco mais, um pouco menos, meu pai começou a apresentar alterações de memória. Ele mesmo dizia: "Acho que estou com a doença da sua avó". Passou a contar a mesma história mais de uma vez em um curto espaço de tempo. Coisas do passado ele descrevia com detalhes. Do presente, não se lembrava muito, ou nada. Terminava de almoçar,

por exemplo, e sentava-se à mesa de novo, caso alguém chegasse para o almoço depois, dizendo que não tinha almoçado ainda. Cenas que foram se agravando com o tempo. Houve fases de sair de casa e não se lembrar do caminho de volta, fase de agressividade, e assim por diante. Dizem que é a doença que mais causa discórdia na família. O doente diz que um filho falou mal do outro, por exemplo. Se não houver uma cumplicidade grande, estar ciente da real situação, é briga em cima de briga. Felizmente a minha família sempre foi muito equilibrada nesse sentido; a harmonia impera.

80 anos de idade; ela em 07 de março, e ele, em 09 de março; e 60 anos de casamento em 28 de maio. Uma vez morando longe, eu e a minha família, em comum acordo com os meus irmãos decidimos antecipar a comemoração das Bodas de Diamante, ou seja, estaríamos comemorando as três datas em uma festa só, o que aconteceu no dia 09 de março de 2013, aniversário do meu pai. Tudo muito bonito, família e amigos próximos reunidos, homenagem em telão fazendo uma retrospectiva da vida de ambos, tudo como manda o figurino. Perfeito!! Meu pai estava se desligando por conta do Alzheimer, mas nunca perdia o bom humor, mesmo quando já não era mais capaz de levar em frente uma boa conversa. Chegando da comemoração, perguntei a ele se tinha gostado da festa. Mais do que depressa ele disse: - "Que festa?" Já fui direto: - "A festa do seu aniversário!!" A resposta veio sem vacilar: - "Se fizeram festa, não me convidaram". Tínhamos acabado de chegar em casa!!

Os sintomas foram se acentuando e o alvo maior acabava sendo a minha mãe, que era quem convivia com ele vinte e quatro horas por dia. Um tanto quanto limitada por alguns problemas de saúde, a doença do meu pai começou a potencializar suas limitações. Passou também a ser uma preocupação maior. Já não conseguindo controlar a situação no dia a dia em casa, como fazer com que meu pai tomasse banho, por exemplo, fomos buscando soluções paliativas para tentar amenizar o problema. Contratamos uma pessoa para separar os medicamentos dos dois, todo dia, que eram muitos. Depois vieram os cuidadores, que passaram a acompanhá-los durante o dia, até mesmo à noite. Só para contar essas iniciativas, certamente eu precisaria me estender demais, isto porque não vivenciei o problema. Todo esse período eu acompanhei de longe; meus irmãos ficaram com esta missão por morarem perto. Já em estágio mais avançado, meu pai teve que ser hospitalizado e tudo indicava, a princípio, que não andaria mais. Foi então que resolvemos transferi-lo para uma casa de repouso, assunto que já vinha sendo amadurecido entre os irmãos e a minha mãe. Uma decisão um tanto quanto difícil porque nunca imaginamos que um dia teríamos que passar por isso. Minha irmã Jussara e meu irmão, Jusênio, foram levá-lo à sua nova morada. Saíram os dois de lá chorando muito. Eu e minha irmã caçula, Jusiana, que morava em Curitiba havia alguns anos, acompanhamos o acontecimento de coração apertado.

Fomos nos acostumando com as mudanças e vimos que foi a melhor solução. Ninguém da família tinha sido

treinado para ser um cuidador; dar banho, trocar etc. Meu pai precisava de cuidados técnicos. Tudo não passava de preconceito da nossa parte. Na casa de repouso passou a ter maior qualidade de vida. E o amor da família? Esse sim é insubstituível. Todo dia, um ou outro filho, minha mãe, estavam por lá.

Minha mãe, sempre lúcida, mas com gênio muito difícil, teimosa demais, era uma privilegiada. Tinha um apartamento mobiliado em Londrina e outro em Curitiba, no mesmo prédio da minha irmã caçula, Jusiana. Depois que o meu pai foi para a casa de repouso, passava uns tempos em Londrina e uns tempos em Curitiba, e assim fomos levando. Esse cenário se definiu logo que a minha mãe voltou para Londrina por conta da mudança do meu irmão, de Ibiporã para Londrina, e da transferência do meu pai para uma casa de repouso mais próxima, facilitando as visitas também para a minha irmã Jussara, que morava em Londrina há muito tempo. Minha mãe passou por uma fase áurea. Fez diversas viagens com a Jusiana. Compensou todo o período que sofreu ao lado do meu pai nos últimos tempos, antes de ser levado para a casa de repouso. Mas foi envelhecendo também, acabou em uma cadeira de rodas e tudo foi se complicando. Implicava com todos os cuidadores que eram contratados, e por decisão dela mesma, dois ou três meses antes de falecer decidiu ir para a casa de repouso ficar com o meu pai. Já estava muito debilitada. Teve pneumonia, que os médicos não conseguiam controlar, acabou na UTI e veio a falecer no dia 13 de outubro de 2018. Mesmo morando muito longe,

consegui chegar para me despedir. Acabei de descer no Aeroporto de Londrina, ela se foi.

Meu pai, sete meses antes de falecer, sofreu acidente na casa de repouso; foi empurrado por uma paciente que havia acabado de chegar. Caiu e fraturou o fêmur. Cirurgias, complicações, enfim, ainda seguiu lutando pela vida por mais um tempo. No dia 17 de novembro de 2019, almoçou, dormiu um pouco, e o levaram para tomar café. Acabou tendo uma parada cardíaca enquanto aguardava e não resistiu. Não consegui acompanhar o velório e sepultamento do meu pai. É o preço que se paga quando decidimos morar longe da família.

Moral da história: cada um de nós é preparado na vida para cumprir algum tipo de missão. É o caso dos cuidadores de casas de repouso, entre enfermeiros, técnicos de enfermagem, nutricionistas, fisioterapeutas, educadores físicos e outros importantes profissionais que muito colaboram no cuidado técnico. Preconceito e egoísmo não podem prevalecer na hora de buscar melhor qualidade de vida para os idosos. Sendo assim, tenha muito cuidado para julgar alguém que acabou tomando a mesma decisão com os pais. O ditado é certo: "A língua é o chicote da bunda". Experiência própria!!

Ponto E

- Rumo a Portugal - Reconhecimento internacional

Sempre muito cauteloso, persistente também, mas com muito mais sabedoria e maior visão em consequência de experiências negativas que tive, fui buscando ferramentas para o projeto da revista Ponto E desde quando foi lançado, em abril de 2008. Com a evolução do projeto, somando algumas conquistas, em 2016 fui alertado pelo professor universitário Dr. Luís Mendes que o projeto teria perfil para ser inscrito na Biblioteca Mundial. Contando com a sua colaboração, busquei me aprofundar mais sobre essa possibilidade e vi que realmente havia abertura para conseguir esse reconhecimento internacional.

Uma vez a revista Ponto E inscrita na Biblioteca Mundial (ISSN 2525-5231), invadimos o universo acadêmico e as publicações de próprio punho passaram a outorgar pontuação em currículo aos seus autores. Enriquecendo currículo, a Ponto E passou a ser ferramenta de grande importância, principalmente quando as publicações são citadas em prova de títulos nos concursos públicos. Um ponto pode fazer diferença na aprovação.

Não se trata de uma revista científica, mas é de cunho científico, o que é diferente. As revistas científicas apresentam status Qualis A, B, B1 etc. Já a revista

Ponto E apresenta status Qualis C. O projeto é ponte de informações entre os grandes profissionais das áreas da Saúde, Educação e Cultura e o público leigo. Por ser um livro em revista, não perde a validade do conteúdo, permanecendo em salas de espera do estado de Rondônia por muito tempo sem deixar de ser interessante. Além do material impresso, fica sempre disponível também no formato digital.

Uma vez bem informado sobre esse universo acadêmico e o papel da revista Ponto E no contexto, comecei a me comunicar com algumas universidades fora do País que também têm o ISSN. Entre elas, a Universidade de Coimbra, em Portugal. Na troca de mensagens via e-mail, a relação foi se fortalecendo e logo veio o convite para que eu fosse visitar a instituição. Muito estimulante, fomos nos organizando, eu e minha esposa, Silvana, para viajar em março de 2017, já programando um roteiro turístico pelo país, o que abriu oportunidade também para voarmos a Madri, Espanha.

Nosso roteiro em Portugal teve início em Lisboa. Foram dois dias intensos visitando os principais pontos turísticos da cidade, também fazendo a rota pelo litoral que abraça a grande Lisboa. Passamos por lugares paradisíacos como Cascais e Azenhas do Mar, e seguimos para Sintra, região montanhosa de grandes e imponentes castelos e palácios. Concluindo o roteiro na região de Lisboa, seguimos para o norte de Portugal parando em Óbidos, Mosteiro de Alcobaça, Mosteiro da Batalha, até chegarmos em Fátima, onde pernoitamos. Essa parada nos rendeu momentos de muito agradecimento a Deus e a Nossa Senhora de Fátima pelas bênçãos que

temos recebido; participamos de uma missa à noite e no dia seguinte partimos logo cedo para Coimbra.

Como nossa visita estava programada, a direção da Universidade de Coimbra já tinha providenciado um guia para nos acompanhar na visita à instituição. Uma atenção sem igual, o que muito nos surpreendeu. No final fomos muito bem recebidos na belíssima Sala do Senado pela vice-reitora da Cultura e Comunicação, professora Dra. Clara Almeida Santos, que reiterou apoio ao nosso projeto. Uma vez alcançado o principal objetivo da nossa viagem, que era estreitar contato com a Universidade de Coimbra, seguimos sentido ao norte de Portugal passando por outras cidades importantes, como Nazaré e Aveiro, até chegarmos à cidade do Porto, onde ficamos por dois dias. Um passeio espetacular! Sem parada, partimos ainda de madrugada de volta para Lisboa. A estrada, um tapete! Nosso voo para Madri estava marcado no meio da tarde. Tudo perfeito. Em Lisboa programamos reencontrar um casal amigo, Maria e Dorival Mendes, colega de faculdade. A família reside em Portugal há trinta anos aproximadamente. Estar com grandes amigos depois de tantos anos seria um grande presente. Fomos recebidos somente pela Maria. Deixamos o carro que alugamos na garagem do prédio onde moram e fomos pegar o voo para Madri. Foram mais dois dias tomando um verdadeiro banho de cultura. Cidade de beleza indescritível. Voltando a Lisboa, chegamos tarde da noite; missão cumprida, roteiro rezado na íntegra, daí em diante seria ficar com nossos amigos.

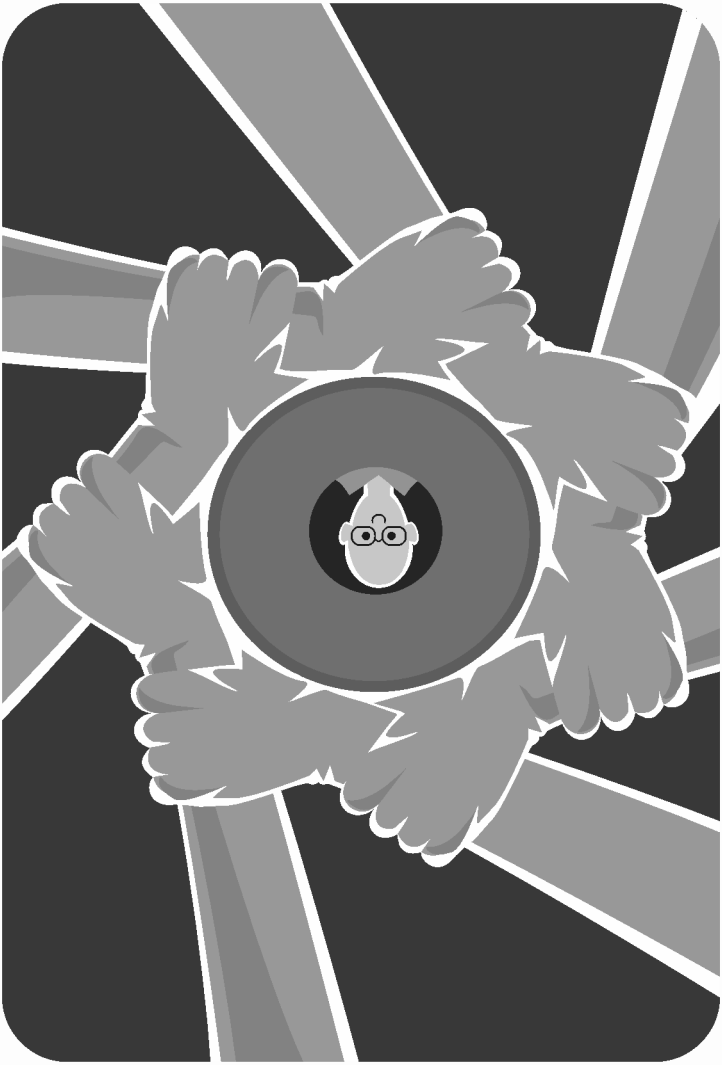
Nosso voo de Madri a Lisboa foi um tanto quanto tenso. A turbulência foi de grande intensidade que nem mesmo teve serviço de bordo. Tínhamos tomado um lanche no aeroporto antes de embarcar, o que não foi uma boa ideia; com balança daqui, balança de lá, a Silvana acabou chegando muito mal em Lisboa, mas seguimos em frente. Corremos para o metrô, tarde da noite, e fomos em direção ao prédio dos nossos amigos Maria e Dorival. Na verdade, a residência oficial deles fica em Ponta Delgada, Ilha de São Miguel, nos Açores. O apartamento é uma base para que cada membro da família alcance os seus objetivos no continente, seja para estudo ou trabalho. Dorival, cirurgião-dentista há tantos anos, havia me adiantado que não estaria em Lisboa para nos receber. Fiquei triste. Conseguiu nos enganar. Quando chegamos ao apartamento, perto da meia-noite por conta de atraso do voo, ele se escondeu atrás da porta e nos fez uma grata surpresa. Uma alegria imensa. Amigo irmão de faculdade, de uma aura muito iluminada; mineirinho que não sabe o que fazer quando recebe visita.

Um tanto quanto frio, a Silvana passando mal, mas tudo compensava com aquela energia positiva que tomou conta de nós logo que chegamos. Surpresa!! A Maria, cozinheira de mão cheia, tinha preparado uma bela bacalhoada para nos receber, um banquete regado a muito vinho. Aos poucos a Silvana foi melhorando e também aos poucos fomos saboreando as etapas do belo jantar que nos esperava. Mesmo tendo jantado em Madri, o bom papo e o irresistível menu acabaram

abrindo nosso apetite e a conversa se estendeu até as quatro da manhã.

Não vimos o tempo passar com tanta conversa para colocar em dia; acabamos passeando mais um pouco em Lisboa em grata companhia. Chegada a hora de partir, pegamos o carro que ficara estacionado na garagem e fomos direto para o aeroporto. Fizemos o caminho de volta com conexão em Paris, voo direto ao Rio de Janeiro.

Mais um sonho do meu "funil da vida" que se concretizou. Atravessei o Atlântico e conheci um pedacinho da Europa. Voltamos a Cacoal com uma experiência de vida intransferível, o que devemos ao resultado do projeto Ponto E nesses anos todos de dedicação. As portas foram se abrindo. Oportunidades que só vieram porque tivemos um diferencial desde o início em relação a outros projetos do mesmo segmento no estado de Rondônia, além de muita luta e constante aprimoramento do trabalho, principalmente da equipe.



- O reencontro -
40 anos depois

Todo livro começa com um prefácio. Porém, cada personagem só consegue contar a sua história completa, ou boa parte dela, no seu próprio livro, ou seja, quantos livros cada um de nós fecharia levando-se em consideração todas as pessoas que passam pela nossa vida? Se fôssemos fazer uma lista destas pessoas, é provável que cada um, contando a sua própria história, chegaria a uma lista diferente. Uma lista maior, outra menor. O tempo vai passando e um a um vai escrevendo a sua história, mesmo que fique registrada somente na memória. Sendo assim, aquele cenário, com personagens da infância e adolescência, que são o alicerce de uma vida toda, acaba se desfazendo. O destino se encarregou de conduzir cada personagem para um mundo diferente.

Durante esse período áureo, da infância aos meus dezessete anos, fiz muitos amigos. Amizades nada comuns das que conquistamos no dia a dia, já adultos. Pode passar o tempo, muito tempo, e quando acontece o reencontro, é como se o tempo não tivesse passado. Lembro dos amigos dessa época com muita saudade. Não sei qual destino todos tomaram, e se ainda estão entre nós.

O fato de ter vindo morar tão longe do meu "ninho", Ibiporã, acabou com que o saudosismo ficasse mais aguçado. O desejo de reencontrar velhos amigos sempre esteve presente. Com a tecnologia a todo vapor, o fácil acesso à Internet e às redes sociais, foi despertando a ideia de resgatar esses amigos de tantos anos. Foi então que abri um grupo de WhatsApp e incluí alguns poucos que sempre mantive contato. Por um bom tempo ficamos restritos, mas logo aflorou a vontade de ir além. Com a informação de um e outro, facilidade de pesquisa nas redes sociais, foi possível montar uma verdadeira operação Sherlock Holmes; em dois ou três meses já tínhamos chegado a uma lista real de contatos de aproximadamente cem amigos. Surpreendeu!

Uma vez encorpando a lista, fomos amadurecendo a ideia de um encontro presencial. Muito estimulante!! Rever amigos de mais de 40 anos? Algo que parecia utópico, agora com grande probabilidade de se tornar realidade. Montamos uma comissão organizadora, composta por mim e meus amigos Diomar Cláudio B. de Menezes, Marilza Ribeiro, Edmilson Bianchini, Carolina de Cássia Sacca, Margareth Coloniezi, Jorge H. Shimomura e Emílio César Pereira, e seguimos em frente preparando tudo com muita ansiedade e responsabilidade. Demos início à busca dos amigos por volta de novembro de 2018. Acabamos já marcando o encontro para março do ano seguinte. Aos poucos fomos agregando outras ideias, como homenagear os professores da época em uma solenidade especial no Colégio Estadual Olavo Bilac, onde fizemos o Ginásio e boa parte do Colegial. Uma grata descoberta!! A grande

maioria de nós estaria brindando o Jubileu de Ouro da alfabetização. Isso mesmo!! Há exatamente cinquenta anos do agendamento do encontro, em março de 1969, estávamos iniciando o primeiro ano Primário, seguindo a cartilha Caminho Suave.

Chegou o grande dia. Cada um que chegava, era uma festa!! Um buscando no semblante do outro o mesmo olhar, a mesma feição que a mente tinha registrado lá nos anos 70. Um desafio! Uma das estratégias que utilizamos foi pedir para que cada um fizesse um crachá com foto da época. Funcionou bem!! O auditório da escola foi enchendo, a emoção aflorando cada vez mais, tudo se encaminhando muito bem, exatamente como planejamos. Tomei as rédeas no cerimonial, mas fazendo todo o possível para não deixar o clima formal. O momento era de emoção! Mesmo tendo escrito um texto, os improvisos vieram e deram abertura para que outros se sentissem à vontade para se manifestar.

Entre os professores homenageados estava o Décio Ribeiro, professor de Física, que era o terror dos alunos; eu mesmo fiquei para exame por dois décimos, sem choro, nem vela! Genioso, mas de um coração enorme, pediu a palavra. Mal pegou o microfone, já começou a chorar. Momento especial também foi a homenagem ao meu tio, professor Pompílio Luzardo Vieira Lustosa, irmão do meu pai, que nos transmitia os melhores ensinamentos em Geografia. Com certeza era uma das matérias que eu mais estudava. E o medo de vacilar e ele acabar indo contar para o meu pai? De fato, cada instante teve o seu brilho, a sua emoção. O envolvimento foi tão grande que até mesmo pessoas que moram fora

do Brasil se esforçaram para estar presentes. É o caso da amiga Audrey Hawthorne que mora nos Estados Unidos há muitos anos. Além de mim, representando Rondônia, de Ariquemes foi o casal de empresários Akemi e Anderson Gasperi. Participaram também amigos de vários municípios, como Curitiba/PR, Vera Cruz do Oeste/PR, Foz do Iguaçu/PR, Franca/SP, entre outros. Um reencontro que ficou marcado pela emoção, pela certeza de que o tempo não apaga tudo. É como se costuma dizer: foi como se o tempo não tivesse passado.

Os que se foram deste mundo não caíram no esquecimento. Saudosos professores foram homenageados e receberam de alguma forma nossa eterna gratidão, como também amigos que deixaram muita saudade. Uma vez concluída a solenidade, entre tantos abraços, concentramo-nos próximos ao palco para a foto oficial junto com os professores homenageados. Destaque para a diretora da fase áurea, a professora Zoraide Dal Molin. Uma breve visita à escola e a maioria seguiu para a Associação da Polícia Federal, em Londrina, onde almoçamos e nos divertimos até o final da noite. Como colocar em dia o assunto com cada um, e ainda depois de quarenta anos? Impossível, mas estimulante. Ficou o sabor de quero mais. O grupo de WhatsApp ficou mais aquecido ainda; agora já não estávamos com uma conversa tão virtual. Os amigos voltaram a ser reais!

A "plantinha" da amizade continua sendo muito bem regada. Com o grande sucesso do encontro, os que moram na região de Ibiporã e Londrina começaram a organizar miniencontros. Não falta criatividade!! Festa do Havaí, junina, ... tudo com o pretexto de se reencontrar.

Um privilégio!! Para quem mora longe, a 2.400 km de distância, que é o meu caso, não tem como saborear esses preciosos momentos. Tudo tem seu preço.

Com a pandemia, o isolamento social fez com que os miniencontros fossem interrompidos, provisoriamente, mas as redes sociais tentam suprir de alguma forma a falta dos encontros presenciais. Na onda das videoconferências, já fizemos encontros online, o que foi benéfico para os que estão longe. Todos, sem exceção, passaram a ter a oportunidade de participar. E assim vamos seguindo, já programando um próximo grande encontro nos mesmos moldes do primeiro, mas aguardando o momento ideal com o resgate do direito de ir e vir quando a pandemia for controlada definitivamente.

Afunilando...

Na virada do ano novo, 2020 chegando, mal sabíamos o que estava por vir. De nada adiantou seguir a tradição para trazer bons fluidos, de usar roupa branca, por exemplo; para os que se apegam a crendices e simpatias, certamente já não estarão mais se importando com a cor da roupa no réveillon. A verdade é que essas simpatias não funcionam. O norte da vida está dentro de cada um de nós. Acredito muito no poder da mente e na força do Amigão lá de cima, que é quem nos oferece oportunidades; temos que fazer a nossa parte indo até elas e explorá-las da melhor forma possível. O caminho é apurar o pensamento positivo, sempre.

2020 teve um início muito abençoado. O maior presente na minha família chegou no dia 11 de fevereiro, em Cuiabá/MT. O nascimento do meu primeiro neto, Leonardo Lustoza Matos, veio nos proporcionar grande alegria. Combustível suficiente para enfrentar todas as adversidades que porventura o ano novo pudesse nos oferecer.

Mês seguinte, março, veio o "furacão". Fomos tomados de surpresa pela pandemia. O isolamento social se fez necessário e ninguém sabia o que viria em consequência disso. Felizmente não tive que alterar muita coisa na minha rotina; a única iniciativa preventiva em

relação ao trabalho foi cancelar a edição de junho/20 da revista Ponto E. Achei melhor dar tempo ao tempo para que todos os anunciantes pudessem se ajustar à nova realidade. No alvo!! Retomamos o projeto na edição de setembro/20, muito bem-sucedido! Como o escritório fica anexo à minha casa, a rotina não mudou. Reprisei programas por um mês, já voltando a gravar normalmente em seguida, continuei produzindo material para os jornais que assino coluna toda semana e assim seguimos em frente.

Em Cuiabá/MT, uma vez um pouco distantes de nós, minha filha caçula, Isadora, com o marido, Gabriel, e meu neto, Leonardo, passaram a ficar isolados. Ambos advogados, trabalhando em home office, vieram passar um tempo conosco. Mais um presente que o 2020 estava me dando; conviver com eles por mais de trinta dias foi uma bênção. Ficamos tristes quando decidiram ir embora, mas sabíamos que a qualquer momento estaríamos juntos novamente.

O fantasma do coronavírus, que é real, continua. A vacina está nos devolvendo a sobrevivência; mais que isso, a esperança de resgatar a vida normal, sempre em alta! O importante é que o "funil da vida" esteja ativo, por mais estreita que sua luz pareça estar, pois quem deixa de sonhar está assinando o seu próprio atestado de óbito.

O diâmetro do meu "funil da vida" está cada vez menor. Sei que um dia vou cair no vazio; tenho plena consciência dessa evolução, mas nenhuma da extensão de sua luz. A terceira idade bate à minha porta, mas vejo

como um novo ciclo. Ao mesmo tempo que tenho a sensação de missão cumprida, a sede de busca me encoraja a fazer planos, muitos planos. Quero deixar algumas marcas mais por aqui ainda. Que sejam muitas e possam me surpreender. Enquanto estiver ganhando o jogo, com saúde, é melhor não mexer no time. Sem comodismo e sem medo de ser feliz.

"De tanto ver triunfar as nulidades, de tanto ver prosperar a desonra, de tanto ver crescer a injustiça, de tanto ver agigantarem-se os poderes nas mãos dos maus, o homem chega a desanimar da virtude, a rir-se da honra, a ter vergonha de ser honesto."

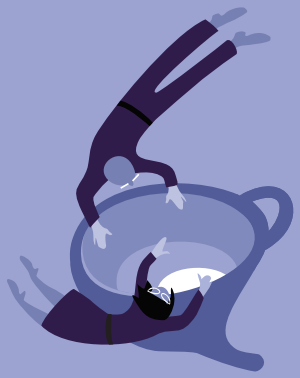
Ruy Barbosa

Este livro foi composto em
Cambria e Androgyne,
e impresso em papel Polén Bold 70 g/m².

Edição e Impressão
Priint Impressões Inteligentes

JUSMAR LUSTOZA

Jusmar Lustoza (Ibiporã/PR, 1962) é cirurgião-dentista de formação. Durante mais de vinte anos esteve focado nesse ofício. Há quase vinte, viu a oportunidade de ingressar em outra área, a Comunicação. Era para ser uma atividade secundária, objetivando impulsionar o seu trabalho na Odontologia. Surpreendentemente, acabou crescendo nesse campo e a sua profissão de formação foi ficando em segundo plano. Seu domínio como comunicador fez com que abraçasse distintas linhas editoriais. Iniciou com um programa de TV em 2002, em plena atividade, passou a colunista social em alguns jornais estaduais, e em 2008 lançou a revista Ponto E, sua empresa de fato. Uma história de vida de altos e baixos, muitos aprendizados, que o convergiram para o desejo de publicar o seu primeiro livro.



Analogicamente, a vida pode ser comparada a um funil. Temos que ser seletivos durante a vida em relação à lista de sonhos que queremos concretizar, e isso tem que ser feito com muita sabedoria. Por meio de episódios da vida do autor, o objetivo é fazer com que você, leitor, tenha uma certa identificação com as experiências relatadas e possa coordenar melhor as suas, tendo bom senso para ver até onde a persistência é realmente uma virtude. Sim! Ela tem limite. Mudar na hora certa também é uma grande virtude. Basta ter coragem e responsabilidade.

priint
impressõesinteligentes

ISBN: 978-85-5963-107-4
9 788559 631074